

CAMILA SANTOS DE ARMAS

SERES HUMANOS E NATUREZA: UM ESTUDO A PARTIR DE UMA PRÁTICA
CORPORAL DE AVENTURA

Monografia apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de licenciado em Educação Física,
no Curso de Licenciatura em Educação Física,
Departamento de Educação Física, Setor de Ciências
Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADOR: HUMBERTO LUÍS DE DEUS INÁCIO

AGRADECIMENTOS

É deveras importante dizer: este trabalho transcende a mim. Têm as mãos, a ação, idéias, energia, cansaço, desgaste de muitas pessoas, próximas ou distantes. Trabalhadoras e trabalhadores.

Começo agradecendo a minha mãe Ana e meu pai Marco. Graças ao trabalho diário de vocês é que aqui estou: concluindo mais essa tarefa. À minha irmã, Caroline, perdoe-me a ausência em fase importante da tua vida. Faz-me questionar sobre minhas convicções, meus aprendizados. Família: porto seguro de minha vida.

Querida amiga Talita: dicotomias à parte, tu ensinou-me a ver a vida pelo seu lado bom. Quanta festa e risadas!

Amigos e amigas do Movimento Estudantil: juntos e em meio às turbulências, consolidamos forte amizade. Muito os e as *confundi* como irmãos e irmãs. Sejam os a fonte viva para a resistência na luta por um mundo mais justo, para as alegrias, tristezas e para a subversão de todas as ordens.

Camaradas do Espaço Marx: com vocês solidifico a minha luta na prática revolucionária.

Rafael e Marlos: a luta socialista não se faz sem poesia e amor e vocês mostraram-me isso.

Guilherme: ensinou-me a seguir e trabalhar por nossas paixões. À família Gil: muito obrigada por acolherem-me em sua casa, onde encontrei aconchego e carinho.

Amigos e amigas das montanhas: compartilhamos histórias, risadas, fôlego, cansaço, trilhas, Lua, Sol e estrelas.

Obrigado especial aos amigos e à amiga que contribuíram com as entrevistas.

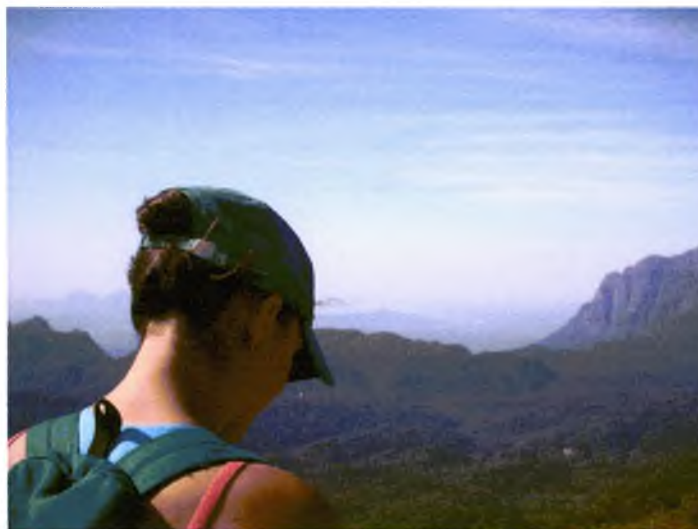
Ao Gabriel, à Milena, à Natalia e à Andréa: se hoje sou um ser humano mais completo – ainda que inconcluso – isto também se deve a vocês.

Querida Simone: tu és exemplo de pessoa incansável em seu trabalho. Muito obrigada pelos teus ensinamentos. Eles ultrapassam as salas de aula.

Ao querido orientador, Humberto, obrigada por aceitar prontamente a guiar-me neste estudo.

Todos e todas encontrarão palavras que foram suas. Tocaram este trabalho, deixaram suas marcas, suas palavras e contribuições também estão aqui. Tudo é aprendizado e comigo os guardo com muito carinho.

E as caminhadas sempre recomeçam...



RESUMO

O presente estudo pretende contribuir com o debate acadêmico que vem sendo produzido a partir da necessidade de reflexão sobre as relações entre seres humanos e Natureza, quando essa se estabelece no tempo e espaço de lazer, e sobre suas conexões com o mundo do trabalho na sociedade capitalista contemporânea. O estudo buscou responder a seguinte questão: os aspectos do mundo do trabalho se transferem para o mundo do lazer? Para tanto, vai analisar uma prática corporal de aventura na natureza específica – o montanhismo, enquanto uma prática de lazer, tendo como ponto de partida a experiência pessoal da pesquisadora e seu contato com um grupo de montanhismo tradicional do estado do Paraná. O estudo constitui-se de caráter qualitativo, posto que busca compreender e descrever uma realidade social concreta. O instrumento de coleta de dados foram entrevistas semi-estruturadas no contexto específico da pesquisa. Foram entrevistados quatro montanhistas (uma mulher e três homens); o estudo permite inferir que as relações estabelecidas no mundo do trabalho se disseminam para o mundo do lazer no grupo estudado. Isto gera uma disseminação da alienação típica do trabalho nas sociedades de ordem socioeconômica capitalista. Por outra via, foram observadas algumas indicações de que as experiências realizadas no mundo lazer, em especial no montanhismo, geram novos significados e valores para a vida dos investigados, os quais, dialeticamente, se disseminam e “contaminam” positivamente o mundo do trabalho.

Palavras-chave: Natureza, lazer, trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO.....	1
INTRODUÇÃO.....	2
1 A RELAÇÃO ENTRE SER HUMANO E NATUREZA: O TRABALHO COMO MEDIAÇÃO.....	8
1.1 A RELAÇÃO SER HUMANO E NATUREZA: O CAPITAL COMO MEDIAÇÃO	13
2 A RELAÇÃO SER HUMANO E NATUREZA: O LAZER COMO MEDIAÇÃO.....	15
2.1 PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA.....	19
2.2 MONTANHISMO EM FOCO.....	21
2.2.1 Um pouco do seu histórico no Brasil	21
2.2.2 Uma breve caracterização desta prática	23
3 NOSSO DIÁLOGO	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS – A CAMINHADA SEMPRE RECOMEÇA.....	38
REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICE 1	44
APÊNDICE 2.....	45
ANEXO 1.....	93

INTRODUÇÃO



*"Com uma chuva mais forte, já não
sabíamos se iríamos para o Pedra Branca
ou Monte Crista. Era uma caminhada boa.
Um pouco cansativa e cheia de aventuras.
Estávamos com frio, molhados,
encharcados, machuquei a canela numa
queda, mas valeu a pena"*

O presente estudo pretende contribuir com o debate acadêmico que vem sendo produzido a partir da necessidade de pensar sobre a relação entre seres humanos e Natureza¹, quando essa se estabelece no tempo e espaço de lazer, e sobre suas conexões com o mundo do trabalho na sociedade capitalista contemporânea. Faz-se importante, inicialmente, apresentar de onde o olhar deste estudo partirá.

Entende-se que profundas desigualdades e contradições se apresentam entre as populações da sociedade do capital, através da divisão entre as classes, não só diferentes como antagônicas, resultante de um processo ao longo dos séculos constituído. De um lado temos a menor parcela, a classe capitalista, detentora dos meios de produção e que acumula grande parte das riquezas produzidas por uma outra, a classe trabalhadora – fundamental não só por ser numerosa, como também pela função que nessa sociedade exerce. Essa cisão no processo de produção das condições da existência humana provoca um quadro histórico e crescente de muitas e profundas transformações, como a atual configuração das relações de trabalho, das formas de vivenciar o lazer, bem como o aumento da miséria – aprofundado pela diminuição dos salários e aumento do desemprego – e a degradação do meio ambiente.

Percebe-se que abordar a relação entre seres humanos e Natureza seria como elaborar um tratado histórico da humanidade sobre o planeta. No entanto, a partir desse simples traçado estrutural, mostra-se cada vez mais premente a necessidade de esforços em estudar sobre que bases e valores essa relação vem se concretizando e que possibilita, até mesmo, questionar a permanência da vida humana, desta forma organizada, sobre a Terra.

Segundo COGGIOLA (2005, p.1), já é consenso na comunidade científica, bem como entre as populações em geral e os chamados formadores de opinião – os meios de comunicação – que a ação humana sobre o meio natural está provocando efeitos

¹ Trabalho aqui com o termo Natureza em maiúsculo, pois me refiro à manifestação física do meio natural, à natureza “inorgânica” do ser humano (MARX, 2006b, p. 115) que se diferencia do entendimento de natureza “orgânica” ou da perspectiva que se refere à natureza como sendo a essência das coisas.

destrutivos de longo prazo que colocarão em risco as várias formas de vida, principalmente, a humana. Desastres provocados pelo furacão Katrina no sul dos EUA em 2005 e pelo furacão Catarina no sul do Brasil em 2004, o gradativo aumento da temperatura média do planeta e do buraco na camada de ozônio devido ao aquecimento global, servem de exemplos destes efeitos. Entretanto, são veiculados como consequência do lançamento das grandes quantidades de gases poluentes na atmosfera. Algumas razões para essas assombrosas perspectivas para os ecossistemas em geral, são negadas à população.

Apesar da lógica de uso indiscriminado dos recursos naturais e de progresso ilimitado também ser observada, historicamente, em países socialistas, isto se deu e se dá de forma muito mais profunda e severa nos países de ordem socioeconômica capitalista, principalmente pela exacerbação do consumismo.

Devido à nova configuração das indústrias, que vêm sendo deslocadas para os países da Ásia e América Latina, provoca o estímulo a um estilo de vida entre essas populações que fomenta a larga produção de mercadorias (muitas vezes) supérfluas, cujo consumo em larga escala e o próprio processo de produção – visando unicamente, o aumento da lucratividade – contribuem para a geração e lançamento de gases poluentes, acúmulo de lixo, detritos por parte dos diversos setores industriais.

Ao analisar a atual maneira de organizar a vida humana na Terra, é possível verificar que a lógica do sistema capitalista atinge os diversos âmbitos da vida dos seres humanos. Este modelo de organização econômica promove relações cada vez mais competitivas, degradantes e desumanas, desde aquelas relacionadas ao seu trabalho até as suas formas de aproveitar o tempo do não-trabalho, o chamado tempo livre, mais especificamente as práticas de lazer, pois "O modo de produção da vida material condiciona, em geral, o processo da vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o respectivo ser, mas ao contrário, o ser social que determina a sua consciência." (MARX *in* COGGIOLA, 2005, p. 1).

Assim, o foco central do presente estudo é a relação entre seres humanos e Natureza, estabelecida através das práticas corporais de aventura, realizadas em meio à Natureza, mais especificamente, o montanhismo. Tentar-se-á investigar e discutir sobre a interferência do trabalho – cotidianamente desempenhado, portanto, inserido e determinado pela lógica do sistema de produção capitalista – na maneira como os montanhistas e as montanhistas² relacionam-se com a Natureza, quando estes estão em seu tempo de lazer, em ambiente de montanha.

Foi através do movimento estudantil de educação física, inicialmente, que obtive instrumentos que me permitiram verificar, ainda que superficialmente, de que forma o sistema capitalista atinge os diversos âmbitos da vida de todos os seres humanos. A militância, em consonância com estudos marxistas em espaços paralelos ao da graduação e o meu envolvimento com caminhadas em montanhas, parte dos momentos de lazer, contribuiu enormemente para a escolha desta temática. Ao longo dos cinco anos em que estive envolvida com as caminhadas em montanha, através do Clube Paranaense de Montanhismo³, pude notar um crescente interesse por práticas vinculadas ao meio ambiente, o que justifica a necessidade de compreender de que forma os seres humanos vêm entrando em contato com a Natureza quando em atividades vinculadas ao

² Saliento que a relação que *as montanhistas* estabelecem com a Natureza também será foco deste estudo. Entretanto, em alguns momentos, utilizarei somente a designação de *seres humanos* ou *trabalhadores* para falar das mulheres e dos homens (heterossexuais, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, pansexuais e demais gêneros que possam existir), tendo claro o entendimento de que, para concretizarmos a igualdade de direitos e o respeito às diferenças e às escolhas de gênero de cada ser humano, não será possível somente apresentando as palavras nos artigos feminino e masculino, “a/o” e “as/os”. Igualdade e respeito serão concretizados por cada um de nós, em conjunto, nos âmbitos particulares do nosso cotidiano, através da desconstrução de valores e princípios homofóbicos, estabelecidos ao longo da história humana.

³ O Clube Paranaense de Montanhismo (CPM) é uma associação civil de utilidade pública, fundada em 08 de junho de 1978. O CPM tem como objetivos “o contato e o convívio humano, a recreação por contato direto com a Natureza através do aprimoramento da prática do montanhismo junto a seus membros e a divulgação desta prática corporal de aventura na Natureza junto à população” (<http://www.cpmorg.com.br/cpm/hist.asp>).

“ecoturismo”, à “aventura” – setor alvo da economia de mercado, mas que não será neste trabalho aprofundado.

Este trabalho constitui-se em uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, no qual buscarei aprofundar a temática abordada. O método de coleta de dados foram entrevistas semi-estruturadas com quatro montanhistas. Para a interpretação dos dados foi escolhido o método de análise de conteúdos que é

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 1977, p. 42).

A escolha do grupo para entrevista seguiu apenas dois critérios: diferentes tempos de experiência no montanhismo e ocupação que cada um desempenha na cidade de Curitiba.

Tal estudo procurou levantar algumas questões como, por exemplo, se aspectos do mundo do trabalho se transferem para o mundo do lazer e vice-versa? Se existem conseqüências para as práticas corporais de aventura na Natureza, quando a relação entre seres humanos e essa é mediada pelo lazer alienado? Este lazer alienado é conseqüência direta do trabalho alienado? É possível que a contradição entre seres humanos e Natureza se origine na contradição existente entre o trabalho realizado pelos seres humanos e o seu produto? É possível que montanhistas contribuam para a superação (radical) dos problemas ambientais, a partir da relação estabelecida por estes com a Natureza, no seu espaço de Lazer?

Desta forma, será possível dizer que “As atividades de aventura permitem certo afastamento de expressões céticas e individualistas que permeiam o cotidiano urbano por meio do contato com a natureza, mediante relações humanas mais diretas e intensas, agregando altas doses de aventura” (MARINHO, 2007, p. 61) já que elas vêm se tornando mais um ramo de mercadorias dentro do sistema capitalista? Podem estas práticas mediar

um reencontro do ser humano com a aquilo que o torna humano, dentro deste modelo de sociedade?

Este trabalho acadêmico, pré-requisito para a conclusão do curso de Educação Física, está permeado por limitações de características diversas. Entretanto, ele surge com a intenção de contribuir para estudos que visam ou visarão entender as formas de os seres humanos relacionarem-se com a Natureza, tanto através das práticas de lazer em geral, como através da dimensão do mundo trabalho e da transformação da natureza para manutenção da vida. Contribuir, portanto, a reflexão sobre a necessidade de transformação radical do modo de produção capitalista.

1 A RELAÇÃO ENTRE SER HUMANO E NATUREZA: O TRABALHO COMO MEDIAÇÃO



"Ventava bastante. A Lua estava encoberta por nuvens que ora a encobriam totalmente, ora permitiam que um pouco de seu brilho nos iluminasse. Eu estava feliz. Com os amigos. Pessoas em que confio minha vida, pois é ela que está ali, ao lado deles"

Desde o princípio de sua existência e dos sistemas de organização, produção e reprodução da vida pelos quais já passou, o ser humano encontrou um ambiente hostil onde trabalhou pela sua sobrevivência. Na Natureza encontrava objetos de trabalho⁴ para que, através deste, elaborasse ferramentas, utensílios e produtos para o seu viver. Por trabalho, se entende quando o ser humano “põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes à vida humana”. (Karl MARX, 2006a, p.211)

Além do que era adquirido pela coleta, caça, pesca e dentre outras formas, valores de uso eram produzidos pela sua utilidade e necessidade, como a confecção de roupas, habitações e outros elementos que serviriam de meios para produção de produtos. Em acordo com Karl Marx (2006a, p.64), pode-se afirmar que “O trabalho, como criador de valores-de-uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade –, é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana”.

Apesar das situações adversas, havia uma harmonia entre os seres humanos, os demais seres vivos e o meio ambiente nas relações de produção da vida, em que transformavam a Natureza através do trabalho e nessa relação eram transformados: “ao mesmo tempo em que os indivíduos transformam a natureza externa, têm também alterada a sua própria natureza humana, num processo de transformação recíproca que converte o trabalho social num elemento central do desenvolvimento da sociabilidade humana”. (Ricardo ANTUNES, 2004, p.8).

De certa forma, o conceito de natureza elaborado por Marx (2006b, p. 115) e abaixo reproduzido, explicita como se dá essa harmonia. O autor diz que:

⁴ “Todas as coisas que o trabalho apenas separa de sua conexão imediata com seu meio natural constituem objetos de trabalho, fornecidos pela natureza. (...) Se o objeto de trabalho é, por assim dizer, filtrado através de trabalho anterior, chamamo-lo de matéria-prima. Por exemplo, o minério extraído depois de ser levado. Toda matéria-prima é um objeto de trabalho, mas nem todo objeto de trabalho é matéria-prima”. (MARX, p. 212, 2006a)

A natureza é o corpo inorgânico do homem, (...) na medida em que não é o próprio corpo humano. O homem vive da natureza, ou também, a natureza é o seu corpo, com o qual tem de manter-se em permanente intercâmbio para não morrer. Afirmar que a vida física e espiritual do homem e a natureza são interdependentes significa apenas que a natureza se inter-relaciona consigo mesma, já que o homem é uma parte da natureza.

Tal conceito ajuda a visualizar de que forma seres humanos – trabalhadores e trabalhadoras – e Natureza estão interligados, ou seja, “O trabalhador nada pode criar sem a natureza, sem o mundo externo sensível. Este é o material onde se realiza o trabalho, onde ele é ativo, a partir do qual e por meio do qual se produz coisas”. (MARX, 2006b, p. 112)

Assim, saliento dois aspectos importantes sobre o trabalho: 1) é condição para a existência do ser humano, pois, ao criar objetos para a satisfação de necessidades, através do trabalho, o ser humano torna-se ser humano e 2) este trabalho se dá através do intercâmbio entre a natureza externa sensível e a natureza interna do ser humano – desta maneira, entre a própria Natureza.

No modo de produção capitalista, entretanto, o trabalhador, desprovido da posse dos meios de produção necessários para satisfazer suas necessidades, passa a vender sua força de trabalho a qual, neste sistema, será a única mercadoria sobre a qual o ser humano possui controle. Este recebe por aplicar sua força de trabalho na produção de mercadorias que não serão suas, mas que serão trocadas por outras. O trabalhador aliena sua força de trabalho de si e nesta relação, exterioriza-se do seu trabalho e torna-se estranho ao que produz, sendo isso expressão da

relação do trabalhador com sua própria atividade como uma atividade alheia que não lhe oferece satisfação em si e por si mesma, mas apenas pelo ato de vendê-la em certas condições. (Isso significa que não é a atividade em si que lhe proporciona satisfação, mas uma propriedade abstrata dela: a possibilidade de vendê-la em certas condições.) (MÉSZÁROS, 2006, p. 20)

O sistema capitalista, portanto, cinde o trabalho entre o trabalho concreto, aquele que constitui o ser social e “que cria coisas socialmente úteis, que transforma criador e criatura” (INÁCIO, 1997, p. 18) e o trabalho abstrato, desprovido de sentido, produtor de

mercadorias – ou valores-de-troca –, objetivamente e que é permeado pela alienação do trabalhador. Assim, o ser humano que anteriormente produzia valores de uso para suprir necessidades básicas suas e da comunidade a qual pertencia, realizava-se através do seu trabalho e, o produto deste, reconhecia como sua criação, no sistema capitalista, passa a produzir valores de troca, produtos externos e que a ele não pertencem, através do trabalho estranhado e alienado.

Segundo ANTUNES (2002, p. 26), o sistema capitalista aprofunda a separação entre a produção voltada para atender as necessidades humanas e as necessidades para a manutenção do próprio sistema e:

Quanto mais aumentam a competição e a concorrência inter-capitais, mais nefastas são as suas conseqüências, das quais duas são particularmente graves: a destruição e/ou precarização, sem paralelos em toda a era moderna, da força humana que trabalha e a degradação crescente do meio ambiente, na relação metabólica entre o homem, tecnologia e natureza, conduzida pela lógica societal subordinada aos parâmetros do capital e do sistema reprodutor de mercadorias.

Esta configuração do trabalho abstrato vem sendo a forma predominante de o ser humano subsistir, pautada na lógica do capital, distanciando-o daquilo que Marx chama de o “seu corpo”. Plantas, animais, minerais, ecossistemas em geral são elementos com os quais ele, na atualidade, acredita não possuir vínculo, em constante contradição com aquilo que o faz ser humano, o trabalho, passando a ver na Natureza, algo a ser dominado, explorado. A interdependência entre seres humanos e Natureza vem, historicamente, sendo substituída por uma relação de oposição.

Não obstante, é importante ter uma noção mais ampliada sobre esses trabalhadores, principalmente devido ao grau de complexidade que a divisão do trabalho atingiu neste modelo mais recente do sistema capitalista – e para que possamos compreender as discussões que serão feitas posteriormente. Quanto a isto, ANTUNES (2005, p. 60) afirma que a classe trabalhadora hoje:

tem como núcleo central os trabalhadores produtivos [...], e não se restringe ao trabalho manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalho social e do trabalho coletivo assalariado. Como trabalhador produtivo é aquele que produz diretamente mais-valia e que participa do processo de valorização do capital, ele detém, por isso, um papel de centralidade no interior da classe

trabalhadora. É preciso acrescentar que a moderna classe trabalhadora também inclui os trabalhadores improdutivos, aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, seja para uso público ou para o capitalista, e que não se constituem como elemento diretamente produtivo no processo de valorização do capital.

Há, portanto, que se considerar nessa noção moderna de classe trabalhadora, tanto os trabalhadores produtivos (o proletariado industrial e rural que produzem diretamente as riquezas dentro das fábricas, indústrias e no campo), quanto aqueles que não produzem diretamente as riquezas, isto é, os prestadores de serviço, que também vendem sua força de trabalho para um capitalista, o comprador da sua força de trabalho. A essa noção de classe trabalhadora, ANTUNES (*idem, ibidem*) acrescenta o "novo proletariado dos *McDonald's*, os trabalhadores terceirizados e precarizados, os trabalhadores assalariados da chamada 'economia informal'" que aumentam os números do contingente do chamado terceiro setor, isto é, do desemprego estrutural. São os trabalhadores desempregados, precarizados, subcontratados, parciais, temporários, terceirizados, informalizados, domésticos, domiciliares, entre outras denominações.

À classe detentora dos meios de produção incluem-se os gestores do capital e seus altos funcionários, que detêm papel de controle do processo de trabalho, de valorização e reprodução do capital no interior das empresas (*idem, ibidem*, p.61).

Em contraposição ao trabalho alienado promovido pelo atual sistema econômico, considero que o trabalho emancipado terá como base primordial o atendimento às necessidades humanas, desprovido, portanto, de relações estranhadas entre trabalhador e trabalho, não sendo possível sua concretização neste modelo de sociedade.

1.1 A RELAÇÃO SER HUMANO E NATUREZA: O CAPITAL COMO MEDIAÇÃO

Mais especificamente com o advento da substituição das manufaturas pelas máquinas, durante o processo da Revolução Industrial, iniciou-se o período em que o ser humano passou a extrair da Natureza recursos e matérias-primas, sem projetar as conseqüências que a desenfreada produção de mercadorias acarretaria para o meio ambiente. Bem como, sem pensar também nas graves conseqüências deste período para as populações da época – e posteriores –, que davam concretude à produção de bens de consumo através de uma relação alienada entre trabalhador e o trabalho que nas fábricas, indústrias e demais setores era realizado.

Posteriormente, para sua contínua reprodução, o Capitalismo passa a atuar no imaginário das populações quando, os meios de comunicação em massa, a serviço do sistema econômico vigente, atuam estimulando o consumo de diversos produtos que o indivíduo nunca antes necessitou e que, ao comprá-lo pensa que adquiriu a sensação prometida, nunca antes sentida. Estas e outras são as estratégias de que o sistema se utiliza para fomentar o consumo exacerbado, ou seja, a mola propulsora do capitalismo.

Estes mesmos meios de comunicação, em sua totalidade são também responsáveis por propagar as imagens e informações a respeito das principais catástrofes pelas quais a humanidade vem passando. Mesmo que de maneira vaga, as pessoas podem adquirir conhecimento sobre as mudanças que o meio ambiente está passando e os perigos que elas representam para a humanidade, de acordo com o que lhes é repassado via televisão, jornais, internet, etc. Contudo, tais meios de comunicação raramente referem-se a tais catástrofes como resultado deste sistema econômico e quase sempre indicam o ser humano como o único responsável pela atual situação. A população questiona-se sobre as causas de tão graves transformações? É possível discordar de que a razão pela qual a humanidade, os demais seres vivos e o próprio globo terrestre venham a ser extintos seja pela maneira como está organizada a vida em sociedade, isto é, pelo modo de produção e reprodução capitalista?

A lógica do sistema capitalista de produção dos países centrais estabeleceu a lógica para o desenvolvimento dos países em desenvolvimento, gerando graves conseqüências para as diversas populações neles existentes, desde as que vivem no e do campo até as pertencentes aos setores da cidade. Devido à introdução de padrões tecnológicos inapropriados, pela indução de ritmos de extração e difusão de modelos sociais de consumo, estabelece-se um processo de degradação dos ecossistemas destes países, de erosão de seus solos e esgotamento de seus recursos (LEEF, 2000).

A apropriação das melhores terras e de grandes áreas rurais que seriam utilizadas para a agricultura e criação comercial de gado foi expulsando a agricultura de subsistência e familiar. Com a ausência de técnicas apropriadas de cultivo, isto acelerou os processos de desmatamento e erosão dos solos. Com isso, começa a haver a diminuição das áreas cultiváveis, levando à pressões cada vez maiores sobre a capacidade de produção da terra, ao se encurtar os períodos de descanso e de recuperação dos solos. "Tudo isto causou uma crescente incapacidade das áreas rurais para criar empregos produtivos para seus habitantes, gerando grandes correntes migratórias para cidades, com altos índices de insalubridade e miséria." (LEEF, 2000, p.28).

Por outra via, o desenvolvimento da ciência e tecnologia, que não se desvincula da lógica da razão instrumental, possibilitou a informatização do maquinário nas indústrias e a diminuição do número de postos de trabalho, gerando o crescente desemprego estrutural que hoje atinge a população mundial dos países centrais e periféricos. "o neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível (...) têm acarretado (...) um monumental desemprego, uma enorme precarização do trabalho e uma degradação crescente na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de *mercadorias que destrói o meio ambiente em escala globalizada*". (ANTUNES, p. 165, 2003)

2 A RELAÇÃO SER HUMANO E NATUREZA: O LAZER COMO MEDIAÇÃO



**Ao chegarmos ao pico nos
surpreendemos com um maravilhoso
mar de nuvens e as 'ilhas'. Passamos o
dia inteiro lá em cima escutando uma
música e conversando sobre coisas da
vida**

Para entender o lazer como uma das possíveis formas de mediação entre seres humanos e a natureza, considero importante partir da compreensão de sua construção histórica na sociedade capitalista. Neste capítulo, as categorias tempo, atitude e atividade são apresentadas e dialogadas com o mundo do trabalho, configurado pela lógica do capital, visando, para este trabalho, uma conceituação do que vem a ser esse fenômeno social.

Anteriormente ao estabelecimento da lógica capitalista, as diversas tarefas que os seres humanos realizavam, “faziam parte de um cotidiano de vida, de um ciclo único, sem parcializações, sem temporizações pré-estabelecidas” (INÁCIO, 1997, p13). Não havia uma separação entre as várias esferas da vida do ser humano e o controle do tempo quase sempre tinha os elementos da natureza como referência, como a trajetória do Sol, as fases da Lua, as estações do ano, entre outras.

Posteriormente, com o avanço e inovação dos modos de produção, reprodução da vida humana e dos instrumentos de medição do tempo, os novos referenciais para controle desse passam a ser os ponteiros dos relógios. (PADILHA *apud* INÁCIO, 1997, P. 19) Neste período, inicialmente nos países da Europa, crianças, mulheres e homens cumpriam extensa jornada de trabalho, sob condições bastante precárias nas fábricas, indústrias e no campo. O tempo de trabalho era administrado pelo capitalista visando controlar o seu lucro através da absorção de trabalho excedente, a mais-valia e “a industrialização acentuou a divisão social do trabalho, que se torna cada vez mais especializado e fragmentado, obedecendo ao ritmo da máquina e a um tempo mecânico, afastando os indivíduos da convivência nos grupos primários e despersonalizando as relações”. (MARCELLINO, 1995, p. 21)

Assim, é possível dizer que o lazer tem origem vinculada às lutas dos trabalhadores pela redução da jornada de trabalho, ou seja, pelo aumento do chamado *tempo livre de trabalho*, mais especificamente durante a Revolução Industrial, nos séculos XIX e XX.

Ao longo da história, o lazer vai se constituir como uma das esferas da vida cotidiana em que os seres humanos vão buscar a alegria, o prazer, a satisfação, pois o sistema capitalista fez do trabalho algo aterrador, em que o trabalhador não mais se reconhece naquilo que realiza e produz,

ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo, não se sente bem, mas, infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito. [...] O trabalho externo, o trabalho em que o homem se aliena, é um trabalho de sacrifício de si mesmo, de martírio. (MARX, 2006b, p. 114)

Nesse sentido, o *tempo livre* de trabalho, além de ser uma conquista dos trabalhadores na luta pela redução da jornada de trabalho, é condição para que o lazer se efetive e foi disponibilizado aos trabalhadores.

O lazer, na atualidade, passa a ser o tempo e espaço em que seres humanos buscarão amenizar os efeitos do período de trabalho abstrato. Porém, Ricardo Antunes (2002, p. 175) afirma que “Não é possível compatibilizar trabalho *assalariado, fetichizado e estranhado com tempo (verdadeiramente) livre*. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é *incompatível* com uma vida cheia de sentido fora do trabalho”, ou seja, “enquanto o trabalho estiver subordinado à satisfação de necessidades imediatas e o produto do trabalho permanecer estranho ao seu produtor, o lazer não passará de uma possibilidade de compensação ou até de reprodução dessa mesma relação”. (MARCASSA MASCARENHAS, 2005, p. 257)

Por isso, somente com o fim da propriedade privada dos meios de produção, ou seja, com a superação radical da sociedade capitalista, na qual o ser humano é obrigado a alienar sua força de trabalho e impedido de realizar-se verdadeiramente enquanto um ser social, é que será possível viver a vida em todas as suas dimensões e findar a oposição existente entre lazer e trabalho. Esse também poderá ser realizado por amor e marcado pela liberdade, não fosse o ritmo desenfreado ao qual se chegou através deste modelo de sociedade que prima pelo lucro daqueles que compram a força de trabalho, ou seja, os donos dos meios de produção.

Para reforçar tal entendimento, é apresentada a passagem em que Antunes (2002, p. 177) contribui dizendo que:

Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social, [...] somente poderão efetivar-se por meio da demolição das barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, de modo que, a partir de uma atividade vital cheia de sentido, autodeterminada, para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade. Uma sociabilidade tecida por indivíduos (homens e mulheres) social e livremente associados, na qual ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas, suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem as condições para a efetivação da identidade entre indivíduo e gênero humano [...].

Além da categoria tempo livre de trabalho, a atitude e a atividade também vão configurar determinadas ações como lazer. A atitude é a característica da relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente permeada pela satisfação do ser humano, que deve ter um caráter desinteressado, gratuito e de prazer (MARCELLINO *apud* INÁCIO, 1997, p.24).

Já a categoria atividade serve para distinguir o trabalho desenvolvido fora da jornada de trabalho formal (com o objetivo de subsistência) e o trabalho executado com outros fins. Stebbim citado por Pina (*apud* INÁCIO, 1997, p.25) propõe o termo lazer sério “para denotar aqueles aspectos do comportamento e da experiência em lazer que cumprem um substancial grau de realização e comprometimento de tempo e interesse, os quais são planejados mais que casuais, e que realizam uma contribuição para a qualidade geral de vida”.

A categoria atividade compreende as ações desenvolvidas no tempo e espaço de lazer que “quando realizadas com prazer, sem interesses outros que não a atividade em si e seu resultado, com certeza, intermediam uma relação com a natureza e com os outros seres humanos. Transformam quem delas participa, são criativas, possibilitam o auto-desenvolvimento, se constituem em trabalho concreto” (*idem*, 1997, p. 26).

O lazer passou a ser delimitado a partir das mudanças nas relações de produção capitalista em que foram separados os tempos de trabalho e o tempo em que o homem se

dedicava para o desenvolvimento de outras habilidades. Deste modo, tal estranhamento provocado pelas determinações do capital vão também atingir atividades específicas pertencentes ao tempo e espaço de lazer, não sendo possível desvincular a discussão sobre as práticas corporais de aventura vivenciadas em meio à Natureza, no caso, o montanhismo, do todo acima apresentado.

2.1 PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA

Como práticas corporais de aventura experienciadas na natureza, estou considerando todas as atividades permeadas pela aventura e que possuem como local para sua realização, os ambientes naturais pouco ou ainda intocados pelo ser humano, compreendendo mais uma alternativa de lazer na atualidade. Corredeiras, cachoeiras, canions, trilhas em florestas, em morros ou montanhas, entre outros ambientes e formações geológicas que são apropriadas de diversas maneiras. As características destes espaços vão diferenciar as práticas quanto ao grau de técnica requisitada, de risco e perigo que apresentam, ou ainda, por fatores econômicos de acessibilidade e realização.

Quanto às características mais particulares destas atividades, podemos dizer que o elemento central que caracteriza a realização das práticas em meio à natureza, como a própria denominação já nos diz, é a *aventura*. Esta, trás consigo diversos elementos que tornam difícil a sua conceituação, pois o que é aventura para umas pessoas, nem sempre será para outras.

Em geral, podemos dizer que aqueles que se dedicam às práticas de aventura na natureza buscam "literalmente um 'mergulho na natureza', o que pode causar uma 'emoção à flor da pele', experimentando a aventura imaginada ou captando-a através de todos os poros, absorvendo o impacto visual com o corpo inteiro" (BRUHNS, 2003, p.45). Através destas práticas de aventura, tocamos a natureza e por ela somos tocados, "ver, ouvir, tocar, cheirar ou degustar sons, cores, superfícies, cheiros ou sabores, faz parte

de um conjunto intenso em que a tatilidade agora é representada pelo corpo como um todo" (*idem, ibidem*).

BRUHNS (*idem*, p. 33) contribui ainda, dizendo que vem sendo comum a procura por essas práticas também por parecerem-se como tentativas de aproximação com rituais de purificação, assemelhando essa aventura a um acontecimento distante da vida cotidiana. Além disso, a autora afirma também que as emoções proporcionadas pelas aventuras na natureza, podem ser tentativas de reencontro com subjetividades desvalorizadas no processo histórico de construção científica (*idem, ibidem*, p. 35).

É importante dizer que, tal quais as diversas atividades de lazer existentes, as práticas de aventura na natureza inserem-se em uma sociedade de ordem socioeconômica capitalista e, portanto, são submetidas às lógicas de mercado, do utilitarismo e afastando-se dos interesses atrelados à emancipação humana (MARINHO, 2007, p.62).

Os princípios e valores vinculados à preservação da natureza, fortemente difundidos pela mídia, vêm sendo utilizados como mote publicitário para empresas de diversos setores, como o do ecoturismo, cujas empresas oferecem pacotes em que se incluem algumas práticas de aventura na natureza, aproveitando-se do momento de grande fragilidade por que passam os ecossistemas do nosso planeta, que sensibiliza a população para o contato com o meio ambiente. Dentro desta lógica, as experiências em meio à natureza podem estar se tornando mercadorias, que poucos podem acessar e praticamente desvinculadas com a real preservação dos espaços em que ocorrem.

2.2 MONTANHISMO EM FOCO

2.2.1 UM POUCO DO SEU HISTÓRICO NO BRASIL

A história do montanhismo inicia confundindo-se com ciclos de penetrações e explorações territoriais desenvolvidas pelos bandeirantes durante o século XVII. Nestas investidas, montanhas e picos elevados foram subidos por conquistadores, cujos feitos podem ser confundidos com lendas locais devido à ausência de registros.

Os primeiros registros datam que, somente a partir do século XIX iniciaram-se as primeiras subidas de montanhas brasileiras, embora ainda insipientes e com diversas motivações, como curiosidade de pesquisadores e de aventureiros locais e de outros países (CLUBE PARANAENSE DE MONTANHISMO, 1999, p. 8).

Em 1828, registram algumas subidas à Pedra da Gávea (Rio de Janeiro/RJ), com 842m de altitude. Como uma conquista, José Franklin da Silva escalou os paredões do Pico das Agulhas Negras (RJ), pertencente ao conjunto de montanhas Itatiaia, com 2787m de altitude, a mais alta localidade já alcançada por um brasileiro até então.

Em outros pontos do Brasil, Orville Derby e Louis Agassiz narram também algumas subidas de montanhas motivadas por interesses científicos, como a escalada da Serra da Piedade (Diamantina/MG) por Eugen Warming, famoso cientista dinamarquês.

Em meados do século XIX, as montanhas do Maciço da Tijuca e de Jacarepaguã eram conhecidas e subidas pelos ruralistas do ciclo do café, daí surgindo suas denominações, a maioria das quais permanece até os nossos dias.

Na serra Carioca, o Pico Carioca, o Morro Queimado, e o Pico do Corcovado, também já eram subidos, inclusive tendo uma comitiva da Corte, levando o Imperador D. Pedro II até os 704m de altitude do Corcovado, local onde esse, deslumbrado com a beleza do panorama, sugeriu que o acesso até a vista fosse melhorado, exigiu a construção de mirante, que foi prontamente construído.

Outra escalada de destaque, no ano de 1871, foi feita sobre o Pão de Açúcar, com seus 395m de altura, através do atual "Paredão do Costão" e foi realizada por uma senhora inglesa, seu filho e outras pessoas, que ao chegarem ao cume, hastearam a bandeira da Inglaterra. Tal fato desencadeou protesto por parte da antiga Escola Militar da Praia Vermelha e um grupo de militares que, pelo mesmo caminho tomado pelos primeiros desbravadores, escalou o pico e lá hastearam a bandeira com as cores do pavilhão nacional.

Somente em 21 de agosto de 1879, pela primeira vez foi reunida em nosso país uma equipe de "montanhistas", que teve como finalidade única, realizar uma escalada de montanha apreciar seus panoramas e desfrutar das belezas e da satisfação de vencer as dificuldades de uma escalada. Tal feito foi concretizado por um grupo de paranaenses, composta por Joaquim Olimpio de Miranda, Bento Manuel Leão, Antonio Silva e Joaquim Messias que resolveram escalar a principal montanha da Serra do Marumbi (PR), um pico de mais 1500m de altitude. Joaquim Olímpio, junto de seus companheiros, rompeu através das matas, lajedos e rochas que cercavam o pico e, finalmente, atingiu o cume da montanha, a qual recebeu, em sua homenagem, o nome de Monte Olimpo, sendo esta a primeira escalada "esportiva" no Brasil, planejada e estudada.

No ano seguinte, confirmando sua vocação para o Montanhismo, José Olímpio de Miranda, liderando uma nova equipe de escaladores, dessa feita, composta por Antonio Pereira da Silva, José Antonio Teixeira, João Ferreira Gomes, Pedro Viriato de Souza, e os Capitães José Ribeiro de Macedo e Antonio Ribeiro de Macedo, que no dia 26 de agosto de 1880 atingiram o alto do Monte Olimpo novamente.

No final do século XIX, o Pico do Dedo de Deus (RJ) já era conhecido como verdadeiro desafio aos escaladores. Alpinistas suíços chegaram a tentar sua subida, sem sucesso. Logo após, um escalador alemão tentou uma ascensão, fracassando, porém no intento.

2.2.2 UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO DESTA PRÁTICA

O montanhismo caracteriza-se, de maneira geral, por ser uma prática realizada junto ao meio natural onde o praticante procura ascender montanhas caminhando ou escalando. Quanto aos objetivos dos seres humanos que praticam montanhismo pode haver controvérsias, pois para uns atingir o cume de uma montanha é o único objetivo, enquanto que para outros, a subida é o maior desafio em uma caminhada sobre montanhas, deixando a chegada ao cume em segundo plano, não menos importante.

Esta prática de aventura na natureza, possui características e objetivos variados, onde nem sempre o principal são os desafios apresentados pela natureza e a meta seja alcançar o cume. Com o crescimento das práticas experienciadas na natureza é cada vez maior o número de praticantes de montanhismo, que procuram essa prática corporal de aventura na Natureza com as mais variadas perspectivas e intenções, como contato com a natureza, prática esportiva, socialização, dentre outras (BETIOLLO, 2006, p. 6).

As técnicas utilizadas e o terreno em que é praticado vão dar a característica mais aparente do montanhismo, por isso essa prática será classificada em diferentes modalidades. Aparentemente são modalidades bastante distintas, mas originalmente, as caminhadas e escaladas em montanhas aconteciam juntas e se diferenciam devido ao tipo de movimento que a trilha possa exigir. Com o passar dos tempos, os praticantes preferiram aderir a uma ou a outra forma de praticar o montanhismo em espaços diferentes, ou caminhadas em trilhas sobre montanhas ou especializar-se em vias em paredes rochosas. Cada uma dessas subdivide-se em outras ainda mais específicas que podem ser observadas no organograma⁵.

Ao contrário de esportes tradicionais já institucionalizados que possuem regras previamente definidas para sua prática, o montanhismo não possui normas oficiais que o regulem. Talvez, por suas características, o montanhismo não necessite de regras oficiais, já

⁵ Anexo 1.

que é uma atividade relativamente nova, abarca diversas modalidades e é realizada em um ambiente sob o qual o ser humano não tem controle. Apesar disto, existem alguns princípios e considerações éticas quanto a sua prática que, mesmo não sendo essenciais para sua realização, são aderidas pelos praticantes.

Atualmente algumas normas são aceitas na maioria dos centros de montanhismo do mundo:

a) as primeiras ascensões não devem ser feitas com a colocação de costuras fixas nem reconhecimento do local por rapel (o que pode variar entre os escaladores e com a região). Aceita-se um mínimo de limpeza da vegetação e retirada de pedras por questões de segurança;

b) esculpir apoios e fixar agarras em ambientes naturais são inadmissíveis;

c) as proteções fixas devem limitar-se ao mínimo necessário e são reprováveis ao lado de fendas na rocha;

O Congresso Paranaense de Montanhismo, realizado em 1994, aprovou um código de ética de escalada esportiva em grandes paredes, onde constam os seguintes itens:

a) sempre que possível os pontos de rapel devem ser comuns a várias vias;

b) nenhuma escalada deve transgredir as leis de proteção ambiental;

c) todo montanhista é responsável pelo seu material e lixo;

d) todo montanhista tem a obrigação de divulgar e conscientizar a proteção ao meio ambiente;

e) todo montanhista deve utilizar sua liberdade, usufruindo seu espaço e respeitando o próximo;

f) todo montanhista tem obrigação de prestar auxílio em caso de eminente perigo.

Trata-se de um código de ética aprovado apenas no estado do Paraná, porém ele é conhecido por muitos montanhistas de outros estados. Percebe-se, nos itens citados, uma

preocupação com o meio ambiente, com a preservação do ambiente natural e com a segurança dos praticantes, além do respeito às suas individualidades e ao bem-estar de todos.

3 NOSSO DIÁLOGO



"Parei em um ponto onde meu corpo já não respondia por si só. Minhas pernas simplesmente doíam. Mas estava feliz. Feliz por ter tentado. Feliz por ter tido cautela comigo mesma. Soube parar no momento certo"

Ao buscar entender a relação estabelecida entre seres humanos e Natureza, a partir do montanhismo, uma prática corporal de aventura na Natureza, as entrevistas⁶ ganharam centralidade na análise dos dados nelas contidos, não tendo sido possível a contraposição com observações de caminhadas em montanha, sendo a análise de conteúdos (BARDIN, 1977) a metodologia utilizada.

As quatro entrevistas ocorreram com pessoas⁷ que possuem diferentes tempos de experiência no montanhismo, variando entre catorze, doze, três e um ano entre elas, aproximadamente, lembrando que esse pequeno número de participantes limita a abrangência do estudo.

O grupo era composto por uma montanhista e outros três pertencentes a um grupo maior do qual possuo, em geral, muita proximidade. São companheiros e companheiras de caminhadas com os quais compartilhei muitas aventuras, histórias de vida, o que pode ter facilitado a pronta aceitação para participação nas entrevistas e a disponibilidade para fornecer informações, percepções e sensações, por vezes, bastante pessoais.

Devo considerar também que os locais e horários das entrevistas podem ter influenciado as falas dos participantes. Das quatro, duas delas foram realizadas na casa dos entrevistados e as outras duas, em seus ambientes de trabalho. Em uma das entrevistas, além de haver outras pessoas próximas ao local da conversa, a pessoa entrevistada estava no fim do seu expediente. O cansaço de um dia de trabalho e até o abre e fecha de portas pode ter provocado alguns limites. As duas entrevistas realizadas na casa dos participantes foram antecedidas por uma refeição, o que contribuiu para uma entrevista mais informal. Como se percebe, nenhuma delas foi realizada em ambiente de montanha, o que poderia ter acarretado em outras interferências e contribuições.

⁶ Anexo 3.

⁷ Os nomes dos entrevistados e da entrevistada foram preservados.

Sobre os quatro montanhistas, dentre eles existem três ocupações: um assalariado, um microempresário e os outros dois trabalhadores autônomos, com renda advinda de comissão. É possível considerar que esses trabalhadores compõem a moderna noção de classe trabalhadora trazida por Ricardo Antunes (2005). Cada um deles pertence à parcela de trabalhadores que não produzem diretamente riquezas – os valores-de-uso – como os trabalhadores das fábricas e do campo. Porém, sua força de trabalho é utilizada para gerar mais-valia como um serviço adquirido pelo capitalista.

Quando pergunto a estes montanhistas se estão satisfeitos com as suas ocupações, isto é, com o trabalho que desempenham, dentre os quatro entrevistados, três responderam que sim, estão satisfeitos. Ricardo que presta serviços de contabilidade para empresas maiores, diz que hoje em dia está satisfeito e gosta dessa área. Entretanto, em pergunta anterior, comenta: “não é a coisa que mais amo fazer na vida, mas é a coisa que me sustenta e me proporciona fazer as coisas que eu gosto”. Apesar de manifestar sua satisfação sobre seu trabalho, ele conta que “tem dias que é totalmente estressante, que é uma loucura, dá vontade de tacar fogo nisso aqui [o escritório] e pronto”.

Marisa também afirma estar satisfeita com o seu trabalho. Na empresa em que trabalha possui duas funções e comenta que a tendência do corretor de imóveis “é trabalhar todos os dias. Ele [o corretor] não vai deixar de mostrar um apartamento ou mesmo de angariar no fim de semana (...). Se não trabalhar, eu não tenho salário no final do mês (...) minha profissão é 100% comissionada”. Devido a isso, Marisa considera que “é sempre um desafio (...), eu tenho que lutar. Meu trabalho não pode ter marasmo, pois o marasmo para mim é estagnação, então eu tenho que jogar isso para a minha vida inteira”.

Otávio, que também trabalha em uma empresa como corretor de imóveis, prefere identificar-se mais como um montanhista que pela sua ocupação. E porque seu trabalho encurta o tempo livre que possui para fazer o que mais gosta (o montanhismo), ao contrário dos demais, manifestou-se insatisfeito com a sua profissão. Conta que sua carga de trabalho, “por semana dá um pouco mais que quarenta horas, porque tem a questão do plantão. Às vezes, dependendo da quantidade de corretores, nós trabalhamos praticamente

sete dias inteiros, sem descanso, sem folga". Continua dizendo que é "um profissional autônomo e quanto mais eu trabalhar, maior é a possibilidade de eu ganhar. Eu sou o meu patrão". Quando pergunto a ele sobre quem estabelece os seus horários, respondeu-me que "meus clientes, na verdade. Eu vivo em função deles".

Estas falas acima caracterizam, mesmo que superficialmente, a situação de uma parcela da classe trabalhadora que compõem o setor da "economia informal" e que já se consolidou em nossa sociedade. Os trabalhadores sobrevivem dedicando sua força de trabalho quase que exclusivamente ao emprego, promovendo o seu desgaste, confirmando o entendimento de Karl Marx (2006b) sobre o fato de o sistema capitalista provocar a degradação da força de trabalho humana e impossibilitar os seres humanos de despendem, com liberdade, suas energias para atividades que lhes proporcionem mais satisfação, como no caso destes montanhistas que, em seus trabalhos, alienam-se de si mesmos. Assim, o sistema capitalista provoca a cisão entre o trabalho concreto e abstrato, aquele que realiza o ser humano e aquele desprovido de sentido para o trabalhador.

Desta maneira, conforme apontado anteriormente no segundo capítulo, o lazer torna-se o tempo e espaço em que os seres humanos buscam amenizar os efeitos do período de trabalho abstrato. A partir das entrevistas confirma-se a relação de oposição entre trabalho e lazer, mas também é possível pensar que, dentro do sistema capitalista, trabalho e lazer caminham na mesma direção: a de reforçar valores e princípios que legitimam este sistema.

Ao serem questionados sobre quais as atividades da sua vida os entrevistados consideram como lazer diversas práticas corporais, associando-as a sensações como prazer, diversão e satisfação, opostas àquelas vivenciadas durante o trabalho.

Todavia, este mesmo lazer que gera tais sensações, está servindo de compensação do desgaste provocado pelo dia-a-dia durante o trabalho. Quando perguntado sobre porque escolheu o montanhismo como atividade de lazer, Ricardo respondeu que esta prática corporal de aventura na Natureza serve como "uma válvula de escape para toda a

loucura do trabalho". De forma semelhante, Otávio comenta que escolheu o montanhismo por que o retira da sua rotina de trabalho "de pressão, de ter que vender, por que tem que vender, porque se não vender não ganha, desse estresse todo, ele [o montanhismo] me tira disso".

Aparentemente, essa parece ser uma característica positiva do montanhismo. Estes montanhistas vivem cotidianamente, assim como milhares de trabalhadores, sobrecarregados pelo trabalho e, portanto, tem o direito de viver o que os realiza durante os fins de semana, em seu tempo livre. Entretanto, em geral, essa é a função que as práticas de lazer vêm tendo na sociedade pautada na lucratividade: "uma compensação do trabalho alienado, simples reparador dos efeitos negativos do trabalho, para mais trabalho", considerando o ser humano como "uma máquina que necessita, para o seu funcionamento, de períodos de manutenção e reparo". (MARCELLINO, 1995, p. 27)

É preciso considerar, entretanto, que motivos levaram esses montanhistas a praticar pela primeira vez o montanhismo. No caso deste estudo, esses motivos são diferentes daqueles que ainda os mantêm vinculados a esta prática corporal de aventura na Natureza. Ricardo, por exemplo, contou que seu maior lazer era tocar música. No entanto, as condições de vida da sua família o fizeram desistir da música, comprar uma mochila e as montanhas do Paraná passou a frequentar. O gosto por elas se fez no caminhar de sua história. Já Otávio diz que o montanhismo apareceu em um momento bastante difícil de sua vida e nas caminhadas "retomou uma coisa de infância". Fernando diz: "desde pequeno eu sempre gostei de mat   (...) sempre tive essa fantasia de aventura. De se aventurar no meio do mat  , desbravar montanhas (...), então isso aí vem desde pequenininho, desde criança". Marisa diz que foi "levada e induzida por uma amiga" que a convidou para participar das atividades do CPM. Entretanto, ela disse também que, apesar de ter recebido dos quatro anos do curso de agronomia que frequentou, boa base sobre ecologia, começou a participar das atividades em montanha, de fato, pela atividade física, "eu não fui levada por um sonho ambiental. Foi pela atividade física", afirma Marisa.

Assim, a categoria atitude fica evidente nestas passagens, pois, entre os sujeitos, existe uma relação permeada pela satisfação do ser humano com caráter desinteressado, gratuito e de prazer, conforme conceito apresentado também no segundo capítulo deste trabalho, com exceção de Marisa que aponta uma outra motivação.

Quanto aos entendimentos desses quatro montanhistas sobre se eles sentem-se integrados com a Natureza, quando em ambiente de montanha, pude verificar que são diferentes entre si. A partir da fala de Marisa, é possível dizer que ela se sente integrada com a Natureza pelo fato de manifestar-se preocupada com as problemáticas ambientais que se apresentam, quando ela está no ambiente de montanha.

Otávio pode ter apresentado o mesmo entendimento quando diz que “eu faço parte daquilo tudo [montanhas]. Até pelo cuidado que a gente tem na montanha quanto às questões ambientais, impacto e tudo mais”. Porém, ele comenta também que a sensação de integração se dá também pelo fato de considerar as montanhas como o seu quintal, onde se sente uma criança. Diz ainda que “é como se eu tivesse nascido ali, dormir na montanha é uma coisa maravilhosa, o acordar de manhã com o nascer do Sol, a noite chegando com um pôr do Sol (...). Eu não me sinto um intruso ali, sabe?!”. É possível que essa sensação de se sentir uma criança, manifeste o seu entendimento de integrar-se com a Natureza. Estar no ambiente de montanha seria como libertar-se de amarras do *ser adulto* e tornar-se criança. Assim, entendo que o a ludicidade⁸ permeia também o montanhismo. Não obstante, as responsabilidades do trabalho retornam ao pensamento e é restrito o tempo de *ser criança*, sendo possível questionar que, em verdade, a sensação de integração é falsa e ilusória. O montanhista terá de voltar ao trabalho que é penoso e nada lúdico.

Ricardo considera que desde o momento em que estamos preparando nossa mochila, organizando a comida e o equipamento que vai ser levado, verificar como está o dia, se está frio, se está calor fazem parte do processo do integrar-se à natureza. Segundo

⁸ Conceito que, neste trabalho, não será aprofundado.

ele “o bacana é que tudo o que você precisa está na sua mochila” e “geralmente você vai para a montanha com seus amigos, com quem você gosta e se sente bem (...)”. A partir da resposta de Ricardo, pude entender que também fazem parte deste processo de integrar-se com a natureza a contemplação e o sentir, quando ele diz que “num ambiente como aquele em que você está se integrando com a natureza, onde você vai parar para ver o dia nascer, para ver o dia se pôr, ver uma lua, sentir um frio, uma chuva, o cheiro da terra (...) falar é fácil, mas as pessoas, para perceber isso, têm que estar lá”.

Já Fernando trás novos elementos a esse processo de integrar-se à Natureza que, em sua opinião, não ocorre. Ele afirma que nós não fazemos parte da montanha porque

“a gente não vive lá, a gente não depende daquela região, não vive daquela região. A gente mora na cidade. (...) O que a gente costuma fazer, eu no caso, é tentar fugir do cotidiano, do dia-a-dia da cidade, a selva de pedra. E a gente vai para a selva de vegetações. (...) Em parte, eu me sinto integrado, mas e parte eu estou isolado também, porque, como eu já disse antes, a gente vai para fugir do cotidiano, do dia-a-dia, por que a gente passa a maior parte do tempo trabalhando, vive cercado de regras (...)”.

A partir dessa colocação, podemos pensar que os seres humanos não mais voltarão a integrar à natureza, da mesma maneira que em tempos passados. A nossa relação de interdependência era grande. Entretanto, na atualidade, alguns seres humanos sentem a necessidade de retornarem aos espaços da Natureza.

Fernando diz que quando se está na montanha

“a sensação que a gente tem lá é de alívio, de liberdade. O simples fato de você estar em um lugar que não tem nada (...), você se desliga totalmente de todos aqueles problemas que você tem durante a semana. O fato de você ir para um lugar diferente, você se desliga totalmente da cidade e essa é a parte boa de estar lá [na montanha]”.

A parte “boa” de estar na montanha, como afirma Fernando, isto é, de se desligar os problemas, não nos integra à Natureza, àquele meio. A plena integração com a Natureza, durante a prática de montanhismo, será cada vez menos possível, se nos utilizarmos das montanhas, somente, como cenários para as nossas aventuras.

Ao tratar sobre a aventura em caminhadas, três entrevistados apontam que essa sensação, em geral, já não é tão intensa como no início do seu envolvimento com o montanhismo. Para Ricardo, porém,

“algumas [caminhadas] ainda criam uma expectativa, uma apreensão, dependendo do local que a gente vai, o que vai ser feito, quem vai (...), por mais que seja um lugar que você já foi mil vezes, você sabe que vai ser diferente, as pessoas são outras, o seu momento na vida é outro, o ambiente é outro, o dia está diferente (...) é sempre uma aventura”.

Para Fernando, durante as caminhadas, a grande aventura para ele poder conhecer novas regiões, pois sente necessidade de novas descobertas, novos caminhos e lugares diferentes e comenta: “Como têm muitos lugares que eu já fui, já não me interessa tanto em voltar lá, justamente pelo fato de eu já conhecer, às vezes um caminho, as plantas que tem no meio do caminho”.

A aventura também está presente na escalada e sobre isso, Otávio comenta que “a escalada é uma aventura mesmo, é o arriscar, ainda que um risco calculado, você está com o equipamento”. Já para Fernando, “a aventura na escalada é a sensação de você conquistar algo que você acha impossível no começo (...). A sensação, na verdade, é um pouquinho da adrenalina, é aquela sensação de que você pode cair a qualquer instante”.

Fernando estabelece um paralelo entre o cotidiano e as sensações durante uma escalada, bastante interessante para pensar sobre a relação que o montanhista faz entre trabalho e o seu lazer. Ele faz o seguinte comentário:

“quando você chega ao ponto culminante da escalada e vê que você passou por todos aqueles problemas (...), é quase o mesmo que relacionar com o cotidiano, com o dia-a-dia, com o trabalho inclusive, de você conseguir concluir uma meta, essa é a sensação maior que se tem”.

É possível pensar que a sensação de aventura está presente também no mundo do trabalho de Fernando, entretanto apresentam-se sob configurações diferentes. A sensação de cumprir uma tarefa no lazer é bastante diferente da que se cumpre no trabalho. Na primeira, o cumprimento dessa meta se estabelece em um ambiente bastante diverso do que no trabalho e, no entanto, este montanhista estabelece a semelhança. É possível dizer

que tanto na escalada como no trabalho há risco de vida, porém também se apresenta de maneira diversa nos dois espaços. Poderia dizer que os riscos em uma escalada estão presentes, pois a utilização dos equipamentos de segurança requer conhecimento, porém esse risco é motivo de prazer entre os escaladores. Enquanto no trabalho se morre todos os dias um pouco de desgosto, de insatisfação e de tédio, se alastra pelo tempo do cotidiano.

Ao ser questionado sobre se ele leva o que vivencia no lazer para o âmbito do trabalho, Otávio também estabelece um paralelo entre escalada e trabalho em que diz:

“Às vezes, eu me ponho em situações de estar trabalhando um cliente e eu crio um paralelo com o estar escalando, chegar no “crucs” [momento final da escalada, bastante cansativo] de uma via faço uma relação com um fechamento de um negócio (...) o negócio é [o momento de] eu me pegar naquela agarra, naquele “bi-dedo” [formato de uma agarra na rocha] ali, e tentar me segurar para poder fazer o “lance” final [movimento] para poder sair daquele “crucs”, e aí eu faço esse paralelo com a hora de criar para o cliente e dar um cheque-mate nele, ‘vamos fechar hoje por que amanhã pode estar vendido’”.

A partir da fala exposta acima, é interessante notar que o entrevistado se utiliza da sensação de escalar durante o seu trabalho. Neste caso o lazer não serve, objetivamente, para estimular negócios mais bem sucedidos, entretanto, o montanhista agrega um valor competitivo, mercantilista à escalada.

Quando questionado sobre se o seu trabalho possui alguma relação com o seu lazer, Otávio responde que não há nenhuma relação direta, comenta que no seu trabalho sentiu a necessidade de estimular no ambiente de trabalho, o companheirismo vivido no montanhismo. Segundo Otávio, o companheirismo poderia possibilitar maior número e sucesso de vendas de apartamentos e, desta maneira, aumentar o salário.

A partir das falas dos montanhistas sobre qual a sensação de retornar para casa, novos elementos foram apontados e deles pude notar alguns aspectos contraditórios. Otávio e Marisa, que compartilham de opinião semelhante sobre esse aspecto, afirmam que os momentos que viveram na montanha, por mais difíceis que tenham sido, foram os mais marcantes em suas vidas. Segundo Otávio, “tudo o que você passou ali com os

amigos, a janta por mais tosca que seja, o miojo que você come, o frio que você passa às vezes, essas coisas ficam marcadas pra gente, você se sente realizado". Ele segue dizendo que:

"toda vez que a gente vai escalar uma escalada mais forte, você cansa mais (...) aí eu digo para ele [parceiro de escalada] 'ô, estou todo detonado, com os braços doloridos, os dedos cortados, cansado mesmo, cabelo duro de poeira, mas não tem sensação melhor, não vai ser um banho, não vai ser uma unha cortada, um creme na mão por causa daquela poeira toda que vâ me [fazer] sentir melhor (...). Eu to morto de cansado, mas to feliz'. (Otávio)

Assim como este montanhista, Marisa também afirma que "quanto mais cansada eu volto, mais feliz eu estou". Assim, de um modo contraditório, todas as sensações sentidas no meio hostil de uma montanha, como o forte cansaço dos músculos, baixa resistência aeróbia, escoriações, quedas promovem um estado de felicidade quando estão retornando para as suas casas, para a cidade. Marisa aponta ainda que "no dia do retorno é estado de felicidade, no dia seguinte é de desespero, vou ter que encarar de novo a cidade (...), no dia seguinte para mim é o caos, por que você está com aquela coisa na cabeça ainda, entendeu?". Tratam-se de sensações totalmente opostas das vividas no trabalho. Assim, é possível entender que quanto mais desgastados cansados e exaustos retornam para casa de um dia de trabalho eles não tem a mesma sensação de felicidade, pois são relações opostas.

Já para Fernando, "a sensação de retorno é a pior que tem. É uma sensação de desolação, de tristeza, de algo pendente, de alguma coisa que você deixou para trás. É uma coisa não resolvida". Afirma ainda que "é a ligação que você tem (...) que é a vontade que você tem de ficar no meio do mato", mas como ele continua dizendo, já estamos acostumados ao ambiente da sociedade em que "você se desliga totalmente da natureza".

É fato o grande número de aprendizagens que o montanhismo possibilita aos seres humanos. E quando questionado sobre o que aprendeu nesse tempo de experiência em caminhadas em montanha, a colocação de Fernando é bastante emblemática quanto a este assunto. Ele diz o seguinte: "Aprendi também a ter muita paciência, o que auxiliou

bastante. Às vezes eu era muito nervoso, daí [a gente] volta da montanha bem mais calmo, acho que pelo cansaço. A gente tolera muito mais coisa, engole muito sapo (...)."

Diante do exposto acima, penso que o que se vivencia durante caminhadas em montanhas também pode promover uma resistência aos efeitos negativos do tempo de trabalho, dentro do sistema capitalista. Será que as experiências que se têm na montanha formam uma casca dura e grossa contra as quedas da vida, no mundo do trabalho, no sistema capitalista? Ou, justamente no sentido oposto nós estamos passando a valorizar os momentos mais simples da vida? É possível dizer que o montanhismo está contribuindo para a acomodação deste montanhista frente aos possíveis problemas que possui na sua vida, em seu trabalho, como um tipo de "bengala" em que se apóia para contornar as angústias da vida cotidiana? Será que, simultaneamente, passamos a valorizar momentos simples da vida que nos tornam mais sensíveis?

Em acordo com Bruhns (2003), o montanhismo parece ser uma tentativa de aproximação com rituais de purificação, além da sua função compensatória. Ricardo diz que: "o montanhismo é minha religião, na verdade. É sagrado, eu gosto, eu me sinto bem, me muda, eu consigo descansar, tirar a cabeça de toda essa correria, de toda essa confusão e realmente, eu tô mais perto de Deus, porque eu paro, penso, reflito e eu consigo voltar para essa confusão da cidade bem mais tranquilo".

Um contraponto interessante de ser registrado é sobre essa relação entre montanhismo e religião. Como visto acima, para Ricardo o montanhismo é a sua religião justamente por ele não verificar nenhum tipo de regra nesta prática corporal de aventura na Natureza e, quando questionado se no montanhismo existem regras ele comenta que "por mais que eu não goste de regras, a gente vive em uma sociedade que é só regras, e a gente trabalha com regras (...), você tem que seguir um padrão de conduta na sociedade".

Assim, entender a relação entre seres humanos e Natureza a partir do montanhismo, uma prática corporal de aventura na Natureza vivenciada no tempo e

espaço de lazer, aponta diversos itens que, dialogando-os com o fenômeno lazer e mundo do trabalho, inseridos no modo de produção capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – A CAMINHADA SEMPRE RECOMEÇA



*"Parei umas vezes. Uma delas foi para
enfaiçar meu pé por causa de uma bolha.
Olha, eu fiquei com medo... no início
pensei em desistir. Mas fui. (...) Na volta e
esperando o ônibus de volta, viemos
cantando! Muitas músicas!"*

Ao pensar a relação entre seres humanos e Natureza, mediadas por uma prática corporal de aventura na Natureza, através deste estudo, muitas dúvidas e reflexões foram surgindo e que, ao final desta caminhada, servem para nos fazer repensar tal relação.

Primeiramente, retomo o conceito de Natureza neste trabalho utilizado. Nele Karl Marx (2006b) diz que o ser humano está incorporado à Natureza, visto que são interdependentes. Entretanto, a sociedade do Capital promove a dissociação entre seres humanos e Natureza.

A partir do presente estudo, portanto, é possível pensar que a mesma relação capitalista de exploração e dominação estabelecida entre seres humanos ocorre também na Natureza. Se as relações trabalhistas, atualmente, pautam-se em relações de dominação e exploração, visando lucratividade, ela vai se adaptar à relação ser humano e Natureza.

É neste enredo que, dentre muitas outras práticas, encontra-se o montanhismo, uma prática corporal de aventura na Natureza, pertencente ao âmbito do lazer e que tem os morros e montanhas como lócus para acontecer.

E, com este estudo, é possível afirmar que o montanhismo vem cumprindo muito bem uma função: a de compensar o desgaste e efeitos negativos que o trabalho, no âmbito do sistema capitalista, promove aos montanhistas, conforme observado na análise das entrevistas. As sensações prazerosas que esta prática proporciona recuperam as energias dos montanhistas, trabalhadores também, para enfrentar as agruras cotidianas do mundo do trabalho.

O montanhismo, portanto, não vai possibilitar a superação (radical) dos problemas ambientais, visto que suas características não apontam essa possibilidade. Entretanto, dialeticamente, mesmo sem mostrar a raiz primordial para as problemáticas ambientais, a prática do montanhismo aguça a sensibilidade daqueles que o praticam para tais conflitos. E, entendendo a raiz primordial destes problemas como sendo o sistema capitalista, posso afirmar que, enquanto este modo de produção e reprodução da vida prosperar, os seres humanos não entenderão que, ao explorar e destruir a Natureza estão explorando e

destruindo a si mesmos. Então, é possível dizer que a contradição entre seres humanos e Natureza se origina/origina na/a contradição existente no trabalho alienado realizado pelos seres humanos. Isto posto, de fato, o lazer alienado será consequência de trabalho alienado.

Todavia, de modo contraditório, em nenhum momento os montanhistas entrevistados apontam algum tipo de relação de sobrepujança, dominação ou hierarquia sobre o meio ambiente em que praticam o montanhismo. Ao mesmo tempo em que, em alguns, momentos essa prática de aventura na Natureza serve para a manutenção dos sentimentos pertencentes à sociedade do capital e, em outros momentos, promove a liberdade e a sensibilidade do ser humano no meio ambiente.

É possível perceber, através deste estudo, que o montanhismo promove um afastamento do ceticismo e individualismo que permeiam o cotidiano urbano por meio do contato com a Natureza, pois a maneira como esse contato entre ser humano, matas e trilhas fechadas, cansaço, aventura, acontece, exige relações humanas mais diretas e intensas. Esta prática, portanto, pode mediar um reencontro do ser humano com a aquilo que o torna humano, dentro deste modelo de sociedade.

Sobre se existem consequências para as práticas corporais de aventura na Natureza, quando a relação entre seres humanos e essa é mediada pelo lazer alienado, não foi possível afirmar, pois os dados obtidos neste estudo não apresentaram substância que eu pudesse considerar significativas para tanto.

Assim, esta monografia pôde contribuir para o princípio de uma organização dos conhecimentos que se referem à relação seres humanos e Natureza mediada através do trabalho e do lazer, bem como à lógica materialista histórico-dialética de entender o mundo. Porém, são necessários muito mais que dois semestres para se compreender tal lógica e, assim, superar anos de formação escolar e acadêmica pautadas, hegemonicamente, na lógica positivista de pensar as relações humanas.

Este estudo – Trabalho, portanto –, cuja intenção era a de contribuir para outros que hão de vir com intento de compreender a maneira como os seres humanos vêm relacionando-se com a Natureza, tanto por meio das práticas de lazer em geral, como pela dimensão do mundo trabalho e da transformação da natureza para manutenção da vida, cumpre a sua função: refletir sobre a necessidade de transformação radical do modo de produção capitalista.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. (org.). **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

_____. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6ª ed, São Paulo: Boitempo, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1977.

BRUHNS, Heloisa Turini. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. **Turismo, Lazer e Natureza**. Alcyane Marinho e Heloisa Turini Bruhns (orgs.). Barueri, SP: Manole, 2003. pág. 29-52.

COGGIOLA, Osvaldo. **Crise ecológica, biotecnologia e imperialismo**. Disponível em Word Wide Web:
http://www.insrolux.org/index.php?option=com_content&task=view&id=180&Itemid=34 Acesso em 28/05/2007.

CLUBE PARANAENSE DE MONTANHISMO. **Apostila de iniciação ao montanhismo**. Curitiba, 1999.

MARCASSA, Luciana. MASCARENHAS, F. Lazer. **Dicionário crítico de Educação Física**. Fernando Jaime González e Paulo Evaldo Fensterseifer (org.). Ijuí: Unijuí, 2005, p. 255-259.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus. MARINHO, Alcyane. Educação física e meio ambiente, um percurso por vias instigantes. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas. v.28, n. 3, p. 55-70, maio 2007.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus. **O lazer do trabalhador em um contexto de transformações tecnológicas**. Dissertação de mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura**: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Coleção Sociedade e Ambiente n. 5. Tradução de Jorge Esteves da Silva. Blumenau: FURB, 2000.

MARCELLINO, Nelson C. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1995.

MASCARENHAS, Fernando. Tempo de Trabalho e Tempo Livre: algumas reflexões a partir do marxismo contemporâneo. In: **Licere** – Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação/EEF/UFMG. Belo Horizonte. v.3, n.1. 2000. p.72-82.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I. 23ª ed. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006a.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução: Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2006b.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. Tradução: Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre e racionalidade econômica**: um par perfeito. Dissertação de mestrado, Unicamp. 1995.

PINA, Luiz W. **Um estudo introdutório das abordagens teóricas do lazer**. Monografia de especialização. Unicamp, 1992.

APÊNDICE 1

Roteiro para entrevista

1. Defina a função que você desempenha no seu trabalho.
2. Descreva como é a rotina do trabalho que você desempenha. (quantas horas por semana trabalha em média? Quem estabelece seus horários? Faz hora extra?)
3. Você está satisfeito com seu trabalho? Se pudesse mudar alguma coisa no seu trabalho, o que faria? (neste mesmo trabalho ou em outra ocupação?).
4. Na sua vida, quais seriam as atividades que para você são lazer?
5. Quantos dias no mês você dedica para atividades de lazer?
6. O que fez você escolher o montanhismo e não outras atividades?
7. Quando você está na montanha, você se sente parte integrante do meio ambiente, se sente parte da natureza? Você teria uma história de alguma experiência na montanha, que de alguma forma você se sentiu como parte integrante da Natureza. Conte, por favor.
8. Como você se sente quando está voltando para casa, depois de uma caminhada na montanha?
9. Seu trabalho tem algo a ver com suas práticas de lazer? Qualquer tipo de relação que seja possível estabelecer...
10. De alguma forma você leva aquilo que vivencia no seu lazer (o montanhismo) para seu cotidiano (inclusive o trabalho)? De que forma?

APÊNDICE 2

Entrevistas transcritas:

- 1ª ENTREVISTA

Entrevistado: Ricardo (R)

Entrevistadora: Camila (C)

Data: 28/9/2007

Início: 19:40

Duração da gravação: 29min e 38s

C: Defina a função que tu desempenha no teu trabalho.

R: eu gerencio tudo, 90 empresas, tem que cuidar de tudo, da abertura ao fechamento, dos funcionários...

C: mas o que é? O que tu faz? Tu trabalha com o que?

R: eu trabalho com contabilidade, comecei pequeno, como *office boy*, fiz um curso técnico e depois, devido à falta de experiência em outros escritórios resolvi trabalhar por conta. Não tinha uma meta de chegar a esse nível, mas hoje em dia eu vejo que meu futuro é esse, é o que eu vou fazer, não é a coisa que eu mais amo na vida, mas é a coisa que me sustenta e me proporciona fazer as coisas que eu gosto. E é isso que eu faço, eu gerencio um escritório de contabilidade.

C: descreva para mim como é a rotina de uma semana de trabalho, de um dia de trabalho...

R: Bom, como eu trabalho por conta, o pessoal acha que por trabalhar por conta, você é chefe você faz o seu horário. Pelo contrário, todos os dias, às 8 horas eu to aqui, trabalho até o meio-dia. paro uma hora para almoço e, geralmente, nos últimos meses, eu tenho trabalhado até às nove horas da noite, pra dar conta do serviço e pela responsabilidade com os clientes. Final de semana, se eu to por aqui eu também to adiantando o serviço, para não me sobrecarregar, mas eu vejo que daqui mais uns tempos eu vou conseguir ter um horário mais normal de trabalho, um horário comercial. Mas ainda não deu pra chegar nisto.

C: então, tu acha que quem estabelece os horários?

R: eu, eu mesmo. É pela responsabilidade do serviço, o teu compromisso com o cliente, tudo isso aí você tem que levar em consideração, alguns prazos, você tem que entregar o serviço, senão o cliente vai ter juro, vai ser multado, e você não pode dizer para ele "Ah, eu não fiz porque eu não tava bem" ou "por que tinha passado do meu horário", o cliente não quer saber disso. Você não pode envolver um problema pessoal, um outro compromisso, daí você não entregou o serviço. Você trabalha por conta, você tem a responsabilidade dobrada, mesmo.

C: então, a terceira pergunta sobre a parte do teu trabalho, é sobre se tu estás satisfeito com o teu trabalho? daí, tu me responde também se tu pudesse mudar alguma coisa no teu trabalho, o que tu faria?

R: bom, hoje em dia eu to satisfeito, gosto realmente dessa área, tem dia que é totalmente estressante, tem dias que isso aqui é uma loucura, dá vontade de tacar fogo nisso aqui e pronto. Mas problema vai ter em qualquer área que você vai trabalhar, e se eu não fosse trabalhar com isso, acho que eu teria que voltar a estudar, e virar professor, fazer um curso e ficar dando aula. Ou trabalhar com educação, com escola, ou trabalhar numa chácara, viver no meio do mato.

C: na sua vida, quais seriam as atividades que para você são consideradas lazer?

R: Lazer... acho que pra mim é andar de bicicleta, é um lazer, prazer, é uma coisa que eu gosto realmente de fazer, e faria por lazer mesmo, andar de bicicleta, para me desestressar, para me distrair.

C: e quantos dias no mês tu dedica para esse lazer?

R: cada vez eu consigo dedicar menos tempo. Principalmente, andar de bicicleta. Quando eu comecei a trabalhar, eu tinha que andar de bicicleta, eu não gostava. Agora, eu queria poder voltar a trabalhar de bicicleta, mas eu tenho que trabalhar de moto, por que é corrido, tem os compromissos, tudo, mas se for ver quantos dias no mês, no muito eu consigo uns quatro dias e pode se dizer que isso é bastante, porque às vezes eu não consigo nem esses quatro dias.

C: eu imaginei que tu fosse colocar como lazer o montanhismo também.

R: É. Isso é mais o prazer, né... o montanhismo é mais a minha paixão, minha religião na verdade.

C: é isso que eu ia te perguntar agora, o que te fez escolher o montanhismo e não outras atividades? E o que é esse montanhismo pra ti?

R: então, eu posso contar desde o começo? Então...

A minha paixão, desde a adolescência, sempre foi música e banda, e esse era o meu sonho. E um dia, eu saí de um emprego, era um escritório de contabilidade, peguei um dinheiro bem bacana para um adolescente, que dava para comprar a guitarra dos sonhos. Só que a vida nunca foi tranqüila aqui em casa e nós não tínhamos nem geladeira na época. Então,

eu achei uma sacanagem eu comprar uma guitarra para o meu bel prazer, e as coisas aqui em casa continuarem assim. Aí eu peguei e comprei uma geladeira para a minha mãe e o que sobrou eu comprei uma mochila, depois um saco de dormir, um isolante, depois comecei a ir para a serra, fui uma vez, já tinha aquele sonho de por a mochila nas costas e sair na estrada como os *hippies*, fui à algumas comunidades na época, mas era muita utopia. Fui fazer o [caminho] do Itupava, na época a maioria do pessoal que começava a ir para a montanha ia para o Itupava, que era barato, você pegava o trem aqui, descia em Quatro Barras, e o trem como era da rede ainda, para voltar era 5 reais, era barato. E eu tinha saído de um emprego, tinha o seguro desemprego, então, toda sexta-feira de manhã eu tava indo para o Marumbi. E o pessoal que caminhava comigo foi parando, devido a estudo, e eu continuei, daí fui para o clube [CPM – Clube Paranaense de Montanhismo] e cada vez me dedicando mais e gostando. Até quando eu comecei, tinha um cara que era muito arrogante e se achava Ô montanhista e eu pensava “cara, um dia eu vou te dar aula”. E esse cara parou, esse cara é amigo de um amigo meu, e um dia nós nos encontramos e ele disse “ê, eu que te levei a primeira vez para a montanha” e eu falei pra ele “ê, com certeza, você que me levou, mas você não me ensinou coisa nenhuma.” E foi realmente assim, uma válvula de escape para toda a loucura do trabalho e foi realmente uma paixão, os melhores amigos eu conheci na montanha, as minhas aventuras, pessoas bacanas, pessoas ruins, foi na montanha e hoje eu vejo pra mim como uma religião, é sagrado, eu gosto, eu me sinto bem, me muda, eu consigo descançar, tirar a cabeça de toda essa correria, de toda essa confusão e realmente, eu to mais perto de Deus, por que eu paro, penso, reflito, penso e eu consigo voltar para essa realidade, essa confusão da cidade bem mais tranquilo. Mas é uma coisa que eu me vejo velhinho, e com uma mochilinha nas costas, indo escalar se eu agüentar ainda ou pelo menos no pé do morro, olhando para ele.

C: algumas coisas da tua fala me chamaram [a atenção], o que seria essa utopia dos *hippies*, o que te fez afastar da vontade de caminhar, de sair com mochila nas costas?

R: então, eu sempre achei bonito, mas realmente, a responsabilidade, por mais que você queira viver de paz e amor, ela vem atrás de você, você tá crescendo, você acaba gerando mais despesas, gastos e não pode viver de sonhos, realmente. E em uma das comunidades, indiferente de religião, que eu não sigo nenhuma, eles não se diziam de nenhuma religião, mas eles eram seguidores da Bíblia. Era muito bonito o pessoal, a filosofia de vida, tudo, mas eles também tinham algumas normas, como outra religião qualquer, tipo, guardavam a sexta-feira, viviam no mundo deles, plantavam a maioria das coisas que eles comiam, para ser uma alimentação pura, a comida era muito boa, só que você não poderia viver numa sociedade em que você sabe que você não pode sair à noite com os teus amigos, tomar uma cerveja porque aquilo seria errado. Tinham alguns questionamentos, você não poderia ouvir uma música de uma banda porque o cara falou no Diabo e isso ia te fazer uma pessoa ruim. Então, como eu não concordava com tudo isso, eram pessoas maravilhosas, mas faltou pouco para eu...e eu tinha minha família aqui, meu negócio, e não ia abrir mão para ficar vivendo de paz e amor. E cada uma [comunidade] tinha seus costumes, suas regras e como eu nunca gostei de regras, sem chance. E com o clube, com o montanhismo já me supria, eu podia trabalhar durante a semana e final de semana ir para a montanha, com amigos diferentes, cabeças diferentes e idéias diferentes.

C: e como é essa questão das regras, você disse que não gosta muito de regras, mas elas existem no ambiente de montanha? Como é isso?

R: elas existem, sim, acho que elas existem em todo o lugar, por mais que eu não goste de regras, a gente vive em uma sociedade que é só regras, e a gente trabalha com regras, você não pode furar um sinal, você tem que seguir um padrão de conduta na sociedade, só que levar assim "ô, você não pode fazer isso, porque o pastor disse que não pode", você não questionar o cara diz que não pode, "mas porque não pode?", será que não pode por que tem um motivo consistente? Essas regras formadas pela opinião de alguns, nunca me agradaram. Cada um pode acreditar no que quiser, numa pedra, num santinho de barro, não tenho nada contra, mas eu seu não sirvo para ouvir a opinião de um terceiro sem

questionar ele sem que ele seja convincente nas suas respostas, nas suas atitudes. Posso até concordar, mas aceitar é outra história bem diferente.

C: então, quando tu está na montanha, tu te sente parte integrante daquele meio, daquela Natureza...

R: sim, sim, ir para a montanha já é um... existe um ritual, desde você preparar a tua mochila, o que você vai levar para comer, o teu equipamento, o dia como está, o amanhecer, se tá frio, se tá calor, quando você fica sem água, quando você encontra água, e o bacana é que tudo o que você precisa está na tua mochila, você não precisa se preocupar se vai chegar a noite e você precisa ter uma janta se você tem um lachezinho, você está num ambiente bacana, geralmente você vai para a montanha com seus amigos, com quem você gosta e se sente bem, e num ambiente como aquele em que você está se integrando com a Natureza, onde você para ver o dia nascer, ver o dia se pôr, ver uma lua, sentir um frio, uma chuva, o cheiro da terra, pô, não tem preço, e falar até é fácil, mas as pessoas para perceber isso, tem que estar lá. E às vezes até há um sofrimento, o dia que você vai acaba cansado, ou acaba se machucando, nos outros dias que passam você sente saudade desses dias de chuva, de cansaço, do frio, da fome, da água.

C: os dias que tu passa mais dificuldade os dias ficam mais marcados ou não necessariamente?

R: não, não, no momento você queria estar longe dali, queria a tua casa, seu banho quente, tua cama, um café, mas depois que passa é muito divertido, saber que você passou por uma dificuldade daquelas, que você não quer nunca mais voltar, mas depois você não vê a hora de ir de novo e acabar entrando um uma nova roubada, novamente.

C: tu tem alguma história para contar da tua experiência em montanha, em que tu te sentiu parte integrante mesmo dessa Natureza?

R: nossa, tiveram muitas histórias, acho que vai faltar [tempo de gravação]. Então vamos fechar por uma década de montanha, a experiência que foi assim mais motivante foi essa do incêndio do Pico Paraná, nesse dia (15 e 16/9/2007) a gente, não só eu, mas um monte de amigo, tava todo mundo lá. Então, tive várias histórias, muitos amigos, muitos parceiros mesmo, que eu tenho o maior carinho, mas essa do incêndio... foi quando eu cheguei no fim do dia, eu tava acabado, cansado, quebrado, mas tava com aquele sorriso na cara, por que eu tinha feito a minha parte, sabia do que eu tinha feito e do que isso viria colaborar com a montanha, e todos que estavam ali na montanha também [caratuva], nenhum ali falou "Ah, não, agora eu vou vir aqui só pra ver, não vou ajudar" todo mundo que estava ali ajudou do jeito que podia e o quanto podia, e isso daí foi uma coisa que foi bacana. Aí no segundo dia, que a gente viu os focos de incêndio quase controlados, realmente já estavam controlados, mas não eliminados, foi bacana chegar ao final do dia e ver que valeu ter vindo. Eu sei que daqui a alguns anos eu vou sentar aqui e vou lembrar que aquele dia foi um dia especial, que por mais que eu estivesse ali na roubada, tinha gente ali que você nem conhecia e que tava do teu lado brigando [contra o fogo?], te ajudando, e todo no final do dia, todo mundo viu que valeu tirar um dia de todo esse tempo de montanha para ajudar e trabalhar pela montanha, como são lá nossos trabalhos de mutirão nas trilhas, que a gente tira um dia para lá recuperar a trilha, carregar peso. Depois que você passa ali, alguns meses, alguns anos e vê teu trabalho contribuindo, já é alguma coisa válida, isso aqui vai ficar e serviu de lição para um monte de gente que ta vindo aí na sequência.

C: e essas atividades tanto de recuperação de trilha e esse momento que a gente teve que ir lá para o Caratuva, apagar os focos de incêndio, tu acha que só elas vão servir para acabar com alguns problemas ambientais ou elas são só paliativos?

R: não, isso são só paliativos, é uma forma de a gente, um pequeno grupo de montanhistas, de ambientalistas darem a sua contribuição, mas isso realmente, mas isso só iria mudar, como outras coisas na sociedade, com a consciência e a educação de todo mundo, isso aí é uma questão de consciência, de cultura, de educação, você tem que aprender isso desde pequeno na escola, com o teu pai falando para você não jogar o lixo na rua, respeitar o próximo. O que a gente faz, a gente sabe que é certo, mas é uma pequena contribuição, enquanto todas as pessoas não criarem consciência, nem todas precisam carregar uma pedra, mas desde que elas saiam de casa e passem uma educação ambiental para os filhos, eles mesmos se conscientizem de que tem que ser isso, não vai mudar. A gente está dando somente uma compensação, mas vai demorar muito ainda pra gente ver a coisa bem, funcionando bonito, e todo mundo conseguindo viver em harmonia.

C: Até por que a gente vai continuar, daqui um tempo tendo que apagar incêndios, né...

R: sim, infelizmente outros vão acontecer, nessa década, nesses últimos 10 anos, eu não lembro de ter visto um fogo tão feio, e tanto trabalho assim, por que na verdade, foram uns quinze dias de combate ao incêndio, desde o primeiro foco, até o final, e foi muito gente envolvida, a gente se admirou com as pessoas que apareceram, gente que nós não imaginávamos que iriam estar ali, ajudaram tudo. O bacana é que você sabe que tem gente interessada, então precisamos de motivo e tentar juntar todo mundo para que tenha um retorno visível, o que aconteceu naquele final de semana.

C: então aquela experiência te fez sentir-se parte daquele ambiente de montanha?

R: aquele dia me fez eu me sentir mais orgulhos de ser montanhista. Senti-me bem comigo mesmo, de todo esse tempo que eu venho, hoje realmente eu me senti útil aqui. Eu ajudei, o que eu fiz fez a diferença. eu podia estar com fome, com frio, com o fogo incomodando, a fumaça, cansado, mas...valeu a pena, a minha parte...se um dia eu olhar

para trás, vou ver que eu já ajudei, se tiver que fazer de novo eu vou fazer, não há problema nenhum, mas foi um dia que eu me senti orgulhoso de mim mesmo.

C: e quando você está voltando para casa, qual é a sensação de voltar, estou retornando de uma caminhada.

R: éé...é, é complicado ter que voltar para casa, devido estar na montanha que é muito bom. Mas no dia seguinte, que você sabe que você vai voltar, você já começa a pensar na segunda-feira, no trabalho, nos problemas, então você já começa a entrar nos eixos, é ruim, mas você tem que voltar, para outro dia voltar novamente, preparar uma nova aventura, uma nova viagem, novas pessoas, ou os mesmos amigos, os mesmos parceiros, mas tem que voltar para depois poder ir novamente.

C: tu falou de aventura, nas tuas caminhadas, essa sensação é bastante sentida, como é?

R: hoje em dia não é tanto como no começo, porque cada lugar era uma aventura, você não sabia o que iria acontecer, você se preparava uma semana antes, hoje em dia eu resolvo ir de um dia para o outro, então eu pego o que tem aqui em casa e eu vou e pronto, mas algumas ainda criam uma expectativa, uma apreensão, dependendo do local para onde a gente vai, o que vai ser feito, quem vai, cria uma expectativa, e por mais que seja um lugar que você já foi mil vezes, você sabe que vai ser diferente, as pessoas são outras, o seu momento na vida é outro, o ambiente é outro, o dia está diferente, então, isso também muda, é sempre uma aventura.

C: mas e na escalada?

R: Ah, na escalada eu conto os dias para chegar sábado para poder escalar, parece coisa de criança que não vai ter aula por que daí vai poder jogar bola o dia inteiro; vejo-me daqui a uns 10 anos contando os dias para escalar, vai ser muito bom, para mim é uma droga, é

uma coisa que eu preciso realmente, se eu não tiver isso eu fico louco, eu abro mão, eu paro, eu trabalho menos, ganho menos na vida, mas isso é uma coisa que eu não vou abrir mão. Já tive sugestões para parar de fazer isso, até com outras namoradas, elas me mandaram escolher, geralmente eu tenho saudades delas. Não abri mão, e não vou abrir. De jeito nenhum, mandar escolher é a pior besteira.

C: teu trabalho tem algo a ver com as tuas práticas de lazer? Qualquer tipo de relação que seja possível estabelecer...

R: acho que a única coisa que o escritório e o meu trabalho com a montanha tem a ver, é essa parte de administrar, de organizar, de se preparar para o que você vai enfrentar, tanto aqui no escritório como na montanha, é um ramo totalmente diferente um do outro, mas o perfil de um montanhista, de ética, eu tento trazer para o trabalho, e quando eu to na montanha eu também pretendo sempre me organizar e se é preciso falar e fazer, é uma coisa que eu aprendi na montanha também, você ter que conversar com os outros, chamar a atenção, se organizar para que as coisas não fujam do teu controle, e acabe piorando para todo mundo, acabe dando uma confusão. Então isso é uma coisa que eu vejo que está um ligado com outro, e qualquer coisa que você for fazer, você vai ter que cuidar, tudo. E isso é um pouco de mim mesmo, de pegar as rédeas, de se intrometer, saber o que está acontecendo, eu não consigo ficar parado vendo a coisa errada acontecendo, você tem que ir lá, saber pelo menos o que está acontecendo, para a gente tentar fazer da melhor forma possível.

C: essa pergunta tem a ver com a última, que é se tu de alguma forma leva aquilo que tu vivencia no teu lazer, no montanhismo, para o teu cotidiano, para o teu trabalho...

R: ah sim, sempre estão ligadas as duas coisas, eu não consigo esquecer da montanha, toda hora você tá pensando no que você vai fazer, e você acaba trazendo para o trabalho. o montanhista, na verdade, todo montanhista é um líder por natureza, porque ele é auto-

independente, ele tem que se virar, ele tem que fazer isso, se chove, se tá com frio ele tem aprender a saber o que ele vai fazer para a sociedade, vai liderar, se o amigo não tá bem, ele tem que manter o ânimo para pensar no que ele vai fazer para sair dessa situação, para piorar ainda mais, e isso eu trago para o trabalho e tentar ser um líder. Não me vejo assim, mas às vezes você tem que puxar as rédeas, porque não dá para esperar que alguém venha e puxe por você.

C: então, Ricardo, fala um pouco do teu histórico. Em poucas palavras, desde quando, algumas características.

R: tá, então, deixa eu ver, eu to com 32. Comecei a ir para a montanha com 18. a primeira vez eu tinha 14, mas eu nem sonhava imaginava que ia voltar lá. Então eu comecei com 18, mesmo, indo para as montanhas, com conhecidos, nesses 14 anos de montanha, quanta gente que passou, eu vi, que não podia estar na montanha por que casou, começou a trabalhar, a estudar, mudaram, fases da vida, e eu continuei indo. Em 1996, eu me associei ao clube de montanha, ao CPM, e lá, como já tinha falado, foi onde fiz meus melhores amigos, meus amores, minhas confusões, e achei que ia ficar só um tempo lá, mas o clube é tão bom, tem hora que aquilo enche a paciência, mas é muito bom as pessoas que eu conheço lá, e o clube também me ensinou muito coisa, tudo de montanha eu aprendi através do clube, então eu também sinto uma obrigação de passar isso para frente, para que o clube cresça, desenvolva, e que mais pessoas vir ali e aprender, e fazer a sua contribuição não só com o clube também, mas com a sociedade, com a natureza, com o meio ambiente, com a sua família, com o vizinho, com o que seja, mas que venha e aprender e leve um aprendizado bom para a sua vida. E eu pretendo enquanto eu tiver força, vou continuar indo para a montanha, até morrer mesmo, e cada dia uma aventura diferente, quem dera mais tarde as montanhas do mundo, outras viagens, mas tudo ao seu tempo, o que a gente não pode levar é querer fazer tudo no ano, como eu já vi um monte de montanhista de temporada que aparecem, que em um ano querem subir todas as montanhas, elas estão ali, vão continuar ali, por milhões de anos, nós não vamos mais

estar aqui, e esses que tentam abraçar tudo, acabam se quebrando, tive colegas que tentaram de tudo para tentar se destacar, e hoje em dia, estão em outro lugar, forma dessa para melhor, por que não queriam fazer por eles, mas para mostrar que eles já tinham feito. E o montanhismo você tem que fazer por você mesmo, por paixão, e não pelo o que o outro vai achar, se você vai ser melhor ou pior que o outro. Montanhismo é uma paixão, é uma amante que você passa a vida inteira adorando e vivendo com ela e não consegue largar dela.

- 2ª ENTREVISTA

Entrevistado: Otávio (O)

Entrevistadora: Camila Armas (C)

Data: 01/10/2007

Início: 20:05

Duração da gravação: 42min56s mais 5min57s

C: defina para mim, a função que tu desempenha no teu trabalho.

O: eu hoje sou um agente imobiliário, ou como se chamava antigamente, corretor de imóveis e trabalho com a venda de imóveis, praticamente com a venda de imóveis.

C: descreve para mim, como é a rotina desse trabalho que tu desempenha.

O: eu trabalho com lançamentos, empreendimentos novos. E nós trabalhamos em plantões, em determinados pontos, são plantões, nos locais onde os prédios serão construídos ou já estão construídos, onde ficamos em apartamentos e ali a gente recebe pessoas interessadas em comprar o imóvel.

C: e quantas horas por semana tu trabalha em média?

O: de 8 a 10 horas por dia e isso por semana dá um pouco mais de 40 horas, por que tem a questão de plantão. Às vezes, dependendo da quantidade de corretores, nós trabalhamos praticamente sete dias diretos, sem descanso, sem folga. Na corretagem de imóveis, não tem muito essa coisa de tantas horas por dias ou semanais. Eu sou um profissional autônomo, e quanto mais eu trabalhar, maior é a possibilidade de eu ganhar. Eu sou o meu patrão. C: Então tu não tem um salário fixo? O: não, não existe. C: então se no mês tu

não vender... O: eu não ganho, então eu tenho, necessito vender. Às vezes essa coisa de horário, a gente tem que extrapolar um pouco. Se o cliente quer falar contigo oito da noite e você está na tua casa, e o cliente quer que você vá até a casa dele, você vai. Então existem situações assim. C: **então, quem estabelece teus horários? É tu?** A: meus clientes, na verdade. Eu vivo em função deles.

C: **você está satisfeito com o seu trabalho? E a segunda relacionada a essa: se pudesse mudar alguma coisa no teu trabalho, o que faria?**

O: bom, satisfeito eu não estou. Atualmente, eu estou com uma produção baixa, em termos de venda, tanto em função de questões pessoais, que acabam atrapalhando o trabalho, a questão da concentração. E a questão de mudar essa situação, vai muito na questão de focar o trabalho, de novamente retomar a minha vida profissional, então é uma questão pessoal que acabou interferindo muito na questão profissional. E ainda para concluir, voltando à pergunta anterior, sobre satisfação, eu costumo dizer que eu, antes de ser um corretor de imóveis, ou um profissional seja de que área for, eu sou um montanhista. E esse trabalho hoje que está tão apertado na questão de tempo, faz com que eu não tenha me dedicado mais ao montanhismo e isso também me gera insatisfação. O tempo está muito curto para curtir o que eu gosto.

C: **tu mudaria a tua situação nesse mesmo trabalho ou em outra ocupação?**

O: não, talvez em outra ocupação. Nesse trabalho não tem o que ser mudado. É isso, você tem que dar plantão. Você tem que estar trabalhando finais de semana. O cliente em potencial é o cliente de final de semana. Pouca gente tem tempo para ir durante a semana atrás de imóvel. Ela tem o tempo dela, com a família dela no sábado e domingo e esse é o período que os meus parceiros, meus colegas de montanha estão na montanha. Eu pego folga durante a semana, durante a semana, mas aí não me ajuda muito nessa questão.

C: na tua vida, quais seriam as atividades que pra ti são lazer?

O: O montanhismo.

C: E porque o montanhismo para ti é lazer? Que elementos ele tem, que te fazem dizer, "não, isso para mim é o meu lazer".

O: primeiro é me tirar dessa rotina de trabalho, de pressão, de ter que vender, por que tem que vender, porque se não vender não ganha, desse estresse todo, ele me tira disso. E outra coisa foram as coisas que eu encontrei na montanha, a questão do companheirismo, do teu parceiro de escalada, dos teus amigos frequentando o mesmo lugar que você e você muito na dependência deles e eles na tua dependência. Essa relação de amizade ela tem que ser muito forte, muito viva e que me faz entender que o montanhismo é lazer mesmo. É a celebração da vida, para ser um pouquinho mais romântico na resposta, é a celebração da vida. É onde eu quero estar com os meus amigos.

C: e quantos dias no mês tu vem dedicando para essas atividades de lazer?

O: especificamente, se nós pegarmos os últimos dois meses, se eu fui para a montanha três finais de semana, foi muito. E isso é a tal da insatisfação vai gerar...Ora ou outra uma folga.

C: por causa do teu trabalho? O: por causa do trabalho. Atualmente eu estou há um mês, são quatro finais de semana trabalhando todo o final de semana...

C: tendo quanto dias de folga durante a semana? O: Um ou dois. Na semana, né, um ou dois. E aí, dentro da profissão, que eu acabei não falando anteriormente, você tem que também prospectar clientes. Então, na tua folga se você puder ir atrás de clientes, você vai, por que isso ajuda, né? C: e você tem que feito isso? O: Não, não tenho feito. Eu tenho utilizado a minha folga para folgar, mesmo, para descansar, por que a pressão está muito grande. Então, no dia seguinte que eu tenho que estar lá no plantão, prontinho, preparado, sorridente para

receber o cliente, eu tenho que estar 100%, então eu me dou o direito de descansar, sem outro tipo de atividade. À vezes, um cliente quer ver um imóvel e é a tua folga, daí você não vai abrir mão do teu cliente, mas eu podendo, eu descanso.

C: tu já falou um pouco sobre o que te fez escolher o montanhismo como uma atividade de lazer e não outras atividades, mas eu queria que tu explorasse um pouco o que te fez escolher o montanhismo como uma atividade de lazer através de uma história que pra ti foi muito determinando.

O: Maravilhoso, maravilhoso, isso aí vai render muito. Então, eu com dez anos de já subia montanha. Eu nasci em uma cidade que é cercada por montanhas. Atibaia é uma cidade que fica no sul de Minas Gerais e ali tem a Serra da Matiqueira, que é uma região bastante montanhosa. Existe a história do meu avô que era lenhador na montanha, destruiu muito, devastou muita área por lá. E sempre indo para a montanhas e adorava fazer aquilo e sempre gostei. Isso o período que eu morei em Atibaia. Quando eu vim pra cá, daí em função de trabalho, a gente acaba se afastando, eu nem tinha conhecimento de que a Serra do mar estava tão próxima da gente e era tão fácil de praticar o montanhismo. Até com falta de dinheiro você pratica o montanhismo. Em 2004 aconteceu um fato muito marcante na minha vida, eu me envolvi em um acidente, houve um óbito, morreu uma pessoa que se envolveu comigo no acidente e eu por muito tempo me culpei por aquela morte, eu me considerava um assassino. Fui trabalhar em uma empresa ao lado do clube paranaense de montanhismo. Um dia, olhei aquela placa, pô, montanhismo, eu de Atibaia, e entrei para conhecer e tal. E é o que eu digo hoje, o CPM para mim é uma religião. Até me emociono a dizer... (olhos marejados) tudo, tudo, o montanhismo veio, ressurgiu para mim num momento muito difícil da minha vida. Eu retomei uma coisa de infância. E até isso, o montanhismo pra mim tem a ver com infância, eu na montanha viro um moleque, nos meus quarenta anos de idade, os amigos sabem disso, que eu viro um moleque na montanha, eu realmente volto...e foi através do CPM que isso tudo voltou a tona, então eu tenho pra mim que o CPM é a minha religião.

C: quando tu estã na montanha, tu te sente parte integrante daquele meio? Do meio ambiente? De onde tu estã fazendo a trilha? Tu te sentes parte daquilo? E de que forma isso acontece? Qual é a tua sensação? É pra explorar exatamente este âmbito.

O: Tã. Um dia desses aĩ, uma menina, uma conhecida aĩ, me perguntou qual era essa história de estar na montanha, você se sente grande, gigante...então eu falei a ela que é o oposto, você se sente uma formiguinha. Você estar num Pico Paraná da vida, com aqueles vales enormes a tua volta, aquelas rochas gigantescas, e ali você percebe que você não é absolutamente nada. Você é muito pequeno diante de tudo aquilo, mas essa foi a resposta que eu dei pra ela. Mas te respondendo: a questão da parte integrante é exatamente isso, eu... até pela minha infância na montanha, eu me sinto realmente parte integrante daquilo, aquilo ali é o meu quintal, aquela coisa de me sentir uma criança é isso, aquilo ali é o meu quintal. Eu na trilha, é como se eu tivesse nascido ali, dormir na montanha é uma coisa assim, maravilhosa, o acordar de manhã, com o nascer do Sol, e a noite chegando com um pôr do Sol é uma coisa até difícil de falar, mas é...com certeza, eu não me sinto um intruso ali, sabe?! Não me sinto como alguém que foi somente pra ver aquilo tudo, para sentir aquilo, Ah que legal, como um curitibano e descubro que existe tudo aquilo. Não, eu sei que existe tudo aquilo. Eu faço parte daquilo tudo. Até pelo cuidado que a gente tem na montanha, quanto às questões de ambientais, impacto, e tudo mais.

C: então, lembrando um comentário que tu fez na resposta anterior, tu disse que até em falta de dinheiro é possível ir para a montanha... por que o que se vê, e isso é mais comum do que os montanhistas imaginam, é que quem é montanhista é um privilegiado, porque tem grana, então fala um pouco sobre isso...

O: então, isso é uma coisa que infelizmente a gente precisava da mídia para divulgar, para mostrar para as pessoas que elas tem que deixar de lado essa questão financeira, principalmente, quem mora em Curitiba. Você pegar um ônibus, no terminal do

Guadalupe, pagando R\$ 1,95, descer no pé do Anhangava, subir em uma, duas ou três horas dependendo da tua condição física e viver toda aquela situação, sabe, curtir aquele local, descer e com mais R\$ 1,95 estar de volta no terminal do Guadalupe.. claro, existe a questão de equipamento. E isso no clube a gente tem muita preocupação, que as pessoas vão de forma adequada, trajadas e equipadas, para não ter nenhum problema, por que é um ambiente hostil, você não está indo ao *shopping center* andar de escada rolante. Mas você tem condição, você não precisa, por exemplo, ter uma bota que custe 400 reais, 300 reais que é o ideal, que é uma Nômade, uma bota que é desenvolvida para a gente ter o máximo de conforto na montanha. Você com um bom calçado, com um solado adequado, você pode estar freqüentando a montanha, sim. Uma lanterna que você compre aí, hoje uma lanterna que você compra pode custar 120, 150 reais, uma lanterna de *laed*, claro, caro! Metade de um salário mínimo, um pouco menos, enfim. Mas você com uma lanterna de mão, que você compra em qualquer loja de pesca, que você pague 20, 15 reais, você tem condição. Então existe o fato das pessoas não saberem de que forma, o que ter na mão, não saberem como se equipar, o que ter para ir para a montanha, e saber os caminhos, não saberem de que você chegar numa montanha fácil, fácil, morando aqui em Curitiba. Por isso o clube é muito importante, que dá essa orientação, ter essa condição de ir e não ter um investimento alto. Claro, se você partir para uma modalidade diferente de montanhismo, o investimento é alto, se você for partir para a escalada, você vai ter que comprar equipamentos que tem um valor alto. Aí é uma questão de você investir nisso. Mas o montanhismo em si, o curtir a montanha, subir até o cume de uma montanha, nada tem a ver com questões financeiras, a gente fala de Anhangava, de ir de ônibus, daí você vai querer ir para uma montanha mais alta que você não vai ter acesso de ônibus, mas você pode conseguir amigos que de repente te dão uma carona se você não tem um carro, e você dividem o combustível e você vai para montanha do mesmo jeito. Eu, a primeira vez que eu fui acampar, eu não tinha saco de dormir, mas os amigos emprestam, uma barraca você consegue emprestado. A questão do companheirismo também atua nesse sentido, você não vai ser cerceado de ir para a montanha ou as pessoas não vão te deixar ir

para a montanha, porque você não tem um saco de dormir, pq você não tem um isolante. Eu falo tudo isso, pq a minha vivência é o clube, por que lá é assim, tá, você tá indo o que você tá levando? Você tem isso? Você vai precisar? Quantas lanternas você está levando? Então é isso, é você ter essa orientação. Eu agora há pouco falava em mídia, por que o que se mostra de montanhismo é o tal do alpinismo, que você vê pessoas indo para o Himalaia, indo para os Andes, indo para um McKinley da vida, passando um mês se adaptando, e com equipamentos caríssimos. Então, você idealiza aquilo e pensa, pô, eu pra ser montanhista eu tenho que ir lá para os EUA, para subir um McKinley? Não, você é montanhista pra subir o morro Careca aqui, ó, um Lorena, um Canal. Existe muita coisa em cima do montanhismo, existe dentro do meio, pessoas muito vaidosas, eu já sofri com isso, até um preconceito...ora, se você não foi para um Itatiaia, você não é montanhista. E às vezes você faz coisas lá, que o montanhista não faz no morro do Canal. Então, eu extrapolei um pouquinho essa questão financeira, mas acho que é importante dizer.

C: dessa tua vivência com o montanhismo, você tem alguma história, alguma experiência que te marcou que te fez bem, que te faça pensar, puxa, naquele momento eu me senti em meio à natureza... que tenha sido um aprendizado.

[18''12'] O: tem uma história muito boa para contar, do Monte Crista (próximo a Joinville), eu fazia academia, e um professor da academia me via sempre com a camiseta do clube, sabia que eu era montanhista, a gente conversava muito à respeito disso, aí ele me perguntou se eu queria levar um pessoal com ele para o Monte Crista. Aí respondi a ele que eu não conhecia a trilha, agora se você for guiando, eu vou fechando a fila, pode contar comigo. Para levar as pessoas para a montanha eu tenho conhecimento. Daí nós fomos com o pessoal da academia, estávamos mais ou menos em umas 15 pessoas, e além do Sérgio que era meu professor, meu instrutor, até ele me passava exercícios específicos para caminhada e para a escalada, porque ele gostava da coisa tb, e foi mais um professor tb. Esse professor que foi ele gerou uma situação muito grave. Ele querendo se exhibir, porque haviam pessoas da academia, tinha gente bonita, haviam meninas e coisa e tal, de

pouca idade, o rapaz se entusiasmou e subiu rapidamente, ele conhecia a trilha, esse meu amigo Sérgio foi mais ou menos ali no meio, controlando a galera, e eu fui fechando a fila. E claro, as pessoas que se cansavam mais, estavam comigo, e eles subiram num tempo rapidíssimo, havia um pessoal jovem, estavam animados, subindo, bem preparados fisicamente, e eu ali com o pessoal com um pouquinho mais de idade, com seus 30 a 39 anos, com uma condição física não muito boa. Eles chegaram no cume antes da gente, e quando nós chegamos, eu ainda com aquele pessoal, eles queriam começar a descer. Aí eu me irritei... e disse, espera aí, nós viemos todos juntos, vamos curtir esse cume de montanha todos juntos, e até o monte Crista é muito freqüentado, existem peregrinações, tem a história do Piabiru, então vai muita gente para lá, só que é uma caminhada forte, a trilha é totalmente detonada, tem locais que você passa em que o barranco está no teu ombro, de tanta erosão, ninguém cuida. Nós estávamos subindo e dois moleques descendo com muda de palmito. Então ali a coisa é largada, largada mesmo, mas nós chegamos no cume, tinha muita gente lá, e eles querendo descer. Daí eu falei que não, vamos ficar mais um tempo aqui juntos. Isso gerou um certo estresse, mas eles acabaram ficando mais uns 10, 15 minutos, e já desceram rápido, quase correndo, e esse rapaz, conhecia a trilha...[21''06'].

[27''29'] Mas o grande aprendizado fio isso, você tem responsabilidade, as pessoas confiam em você, então você não pode em momento algum se mostrar apavorado, ou estressado, ou batendo boca com as pessoas, perder o controle, por que é tudo o que as pessoas não querem, elas podem até estar perdidas com você na montanha, mas se você está calmo e você mostra que sabe o que está fazendo, elas vão ficar mais tranquilas, então para mim aquilo foi um baita de um aprendizado. Se isso voltar a acontecer, eu sei como agir aí nesse caso. [28''19']

C: haveria vários elementos da tua fala para estar colocando em questão e uma delas é a idéia de aventura. O que é aventura, nesse caso? O que é aventura a partir desse caso? Que

sensação é essa? Tanto pode ser uma atividade tranquila como pode ser uma atividade como essa...

O: Tã. Como é que eu busco aventura? Ta. Aí entra a escalada. Que é ali que está a adrenalina. Aí é que está o tesão de fazer a coisa. A caminhada, claro, você pode pegar aí travessias de dias, mas eu não considero isso como uma aventura. Até pelo nível de conhecimento que a gente acaba chegando, de orientação em trilha, a parte técnica que você vai adquirindo, evita um pouquinho de se aquela coisa de aventura. A não ser que você faça uma caminhada numa montanha gelada, onde você vai ter momentos em que você vai ter que escalar uma parede gelada, ou coisas desse tipo, ou ter que se preocupar com coisas que na nossa serra do mar aqui, não existem. Ter uma boa bússula, ou GPS, você faz travessias de dias que você não vai ter problema. Mas eu fui buscar a questão da aventura, da adrenalina nas escaladas. Aí sim, aí é que a coisa pega. A sensação de prazer mesmo, está na escalada. **C: então a sensação de prazer está na escalada, e nas caminhadas...**

O: é uma sensação prazerosa também nas caminhadas, não digo que não sejam prazerosas, imagina, fazer uma caminhada até o Pico Paraná, até o Tucum, que eu adoro aquela trilha, maravilhoso você estar lá no cume da montanha, mas diretamente a tua questão da aventura, ela está ligada à questão da escalada. Talvez eu tenha me expressado mal em falar de prazer, prazer é em fazer montanhismo. Agora a escalada, é aventura mesmo, é o arriscar, ainda que um risco calculado, você está com equipamento, você não vai se matar nem nada, mas existe a questão da adrenalina, a endorfina e a adrenalina juntas, que é tudo de bom. Que é muita coisa muito boa, mesmo. E você ainda, fazendo isso, praticando esse esporte de aventura num local como a montanha... porque aquela coisa, tem pessoas que adoram fazer escalada *in door*, que adoram estar toda terça e quinta-feira numa academia dentro de Curitiba, e escalam muito bem, e tem as mesmas sensações de conquista, de adrenalina do mesmo jeito. Em se tratando de eu ser um montanhista, eu escalar, fazer essa atividade de aventura numa montanha ela [a sensação?] é bem maior, é bem melhor.

C: e quando tu está voltando para casa, de uma caminhada, tu saiu de final de semana bom na montanha, como é que tu te sente, qual é a sensação?

O: é um misto, né...geralmente a gente volta num Domingo, faz um pernoite e retorna no Domingo. Aí você fica naquela, segunda-feira está chegando, aquela coisa que todo mundo tem, até o cara que joga futebol no final de semana sente. Chegou a hora do Fantástico, é fatal, acabou o final de semana, te prepara que segunda-feira está chegando. Mas, tudo o que você passou ali com os amigos, aquela pernoite, a janta ali por mais tosca que seja, o miojo que você come, o frio que você passa às vezes, essa coisa fica marcada pra gente, você se sente realizado. Você foi fazer uma coisa da melhor maneira possível. E você sabe que a montanha não vai a sair dali, e próximo final de semana, daqui um mês, você pode voltar e fazer aquilo novamente. Então, é tranquilo, é sossegado. Tem uma frase que eu repito toda vez que a gente vai escalar, principalmente em São Luiz do Purunã, que é uma escalada mais forte, você cansa mais, eu tenho meu parceiro, o Ronaldo aí eu digo para ele, ô Ronaldo, estou todo detonado, com os braços doloridos, os dedos cortados, cansado mesmo, cabelo duro da poeira, mas não tem sensação melhor, não tem coisa melhor, não vai ser um banho, não vai ser uma unha cortada, um creme na mão por causa daquela poeira toda que eu vá me sentir melhor. Então é uma descarga, a questão da aventura, da adrenalina, aquela descarga de endorfina, mistura à adrenalina, ela supera qualquer situação que você passa ali. Então o voltar para casa é muito gostoso. Eu chego em casa aqui, joga a minha mochila num canto sabe, olho para ela, vejo que eu to morto de cansado... mas to feliz.

C: queria saber agora, se o teu trabalho tem a ver com as tuas práticas de lazer, qualquer...

O: não há. Não há nenhuma correlação entre uma coisa e outra. São coisas totalmente distintas. Pudera eu trabalhar no meio, ganhar dinheiro como poucos conseguem ganhar dinheiro no meio de montanha. A gente pode citar uma meia dúzia de pessoas que conseguem dinheiro, que sobrevivem, né, na verdade.

C: de alguma forma tu leva aquilo que vivencia no teu lazer, no montanhismo, para o teu cotidiano, para o teu trabalho? E de que forma isso acontece?

O: eu tento levar na verdade. Eu tento pegar as melhores coisas do montanhismo, a gente bate muito naquela questão do companheirismo, do ser parceiro, por exemplo, no que eu trabalho hoje, como agente imobiliário, não é muito levado em consideração. As pessoas são muito individualistas, até pelas condições do que recebem, um querendo pegar o cliente do outro, houve um momento nesse meu trabalho, nós temos um grupo né, que trabalha exclusivamente com uma construtora, aí eu peguei exatamente do montanhismo, essa coisa do parceiro, do companheiro, e coloquei para as pessoas que trabalham comigo. Ô, se a gente trabalhar junto, a gente vai trabalhar melhor, ao invés da gente ficar brigando um pelo cliente do outro, se a gente dividir informação, um trabalhar o cliente do outro, a gente vai sair ganhando com isso. Foi um momento que eu busquei isso da parceria, mas não sou assim aquele otimista burro, e pensar que isso vai acontecer, principalmente na função de corretor de imóveis. São vícios da profissão que será difícil tirar das pessoas. É uma pena, mas isso [companheirismo] não acaba acontecendo. Então na questão de trabalho, o que eu busco é isso. Existe a questão da superação. Às vezes, eu me ponho em situações de estar trabalhando um cliente e eu crio um paralelo com o estar escalando, chegar no "cruc" (momento final da escalada, bastante cansativo) de uma via faço uma relação com um fechamento de um negócio, o negócio é eu me pegar naquela agarra, naquele "bi-dedo" (formato de uma agarra na rocha) ali, e tentar me segurar para poder fazer o "lance" final (movimento) para poder sair daquele "cruc", e aí eu faço esse paralelo com a hora de criar para o cliente e dar uma cheque-mate nele, vamos fechar hoje por que amanhã pode estar vendido. Então eu crio esses paralelos aí, por que daí eu fico até mais à vontade. Houve uma reunião, nessa sexta-feira agora, onde o supervisor passava uma orientação para a gente, fez uma dinâmica lá, e o pessoal da empresa sabe que eu sou montanhista, aliás eu faço propaganda para todo mundo disso, se eu pudesse eu andava com um terno do clube, eu divulgo o que eu faço, mostro fotos, eu me orgulho muito

disso, eu estava no fundo, até estava gripado, me afastei um pouco das pessoas, e aí o João Alberto, que estava dando a palestra disse: "e não é assim, Edílson, essa coisa do companheirismo, isso não existe na montanha?" Camila... a minha voz mudou, a minha postura mudou, bom, o cara tá falando da minha pinga...agora dá licença, agora sou eu. Até então na reunião, eu pouco tinha me manifestado, um comentário ou outro, mesmo porque das pessoas que estavam na reunião eu é quem tinha um pouco mais de experiência no mercado imobiliário, então eu tinha a obrigação de passar um pouco mais, mas estava ali, na minha. Na hora que ele falou nessa questão do ser parceiro, de montanha, até um pouco mais, na hora de você ir preparado para um plantão, ir com a tua pasta, com tabela de preços e tudo o mais, ele disse: "não é como ir para a montanha, com os teus mosquestões, com a tua bota?", daí já mudei, minha voz voltou ao normal, eu falei um monte, tiveram até que me dar uma freitada porque já estava falando demais, por que eles sabem que é exatamente a minha paixão. As pessoas até fazem essa ligação do montanhismo, pouca gente que me conhece sabe que você tem que ter companheirismo, tem que ter equipamento, tem que ter conhecimento, porque é como eu falei, é um ambiente hostil para qualquer pessoa. É hostil num iniciar da atividade, depois você já fica totalmente integrado.

C: bem, já foram as 10 perguntas, mas eu queria fazer uma outra, aparentemente meio óbvia. Eu queria que tu diferenciasses para mim, a sensação que tu tem durante o teu momento de trabalho e a sensação que tu tem quando estás no teu lazer, tanto na escalada como no montanhismo. Diferenciar as sensações: trabalho e o momento de lazer.

O: A obrigação e o lazer. Bem, então, falando como agente imobiliário, como agente corretor, você está ali para vender, então o seu melhor momento, a situação objetivada para isso, o teu objetivo, a meta que você estabelece, é o momento que você tira a proposta. Houve a assinatura, o aceite do vendedor, teu trabalho está feito. Não adianta você trabalhar um cliente 4, 5 meses, chegou na hora de fazer a proposta o comprador não aceita, aqueles 4 meses não valera de nada, absolutamente nada. Por mais que você tenha

conquistado a amizade do cliente, até admiração de alguns que acabam tendo uma empatia maior com você, mas se não tiver uma conclusão aquilo não valeu nada. Então o ápice, é o fechamento de negócio. Então a gente objetiva isso, a gente vai de casa aquele dia, pensando exatamente nisso. E quando isso acontece, claro que é o teu momento de realização. E um pouco diferente acontece na montanha, teu momento de realização, às vezes, é até interessante isso, falar em realização. Eu por muito tempo, a hora que eu comecei na verdade com a escalada, eu tinha o objetivo de fazer vias de 8º, 9º grau, daí você vai avançando no esporte você vai vendo que a dificuldade é muito grande, a dedicação tem que bem maior. E até em função de não poder trabalhar com isso, eu não tenho tempo para me dedicar a isso. E chegou um momento que isso me causou uma certa frustração, [pausa: esqueci de desligar o celular]. Então eu até poderia conseguir, eu sabia que o esforço deveria ser grande, mas... então eu falie, não, não é isso, então o negócio é escalar, escalar pelo prazer de escalar mesmo. Era aquela coisa da vaidade, pô, o Atibaia está escalando via de 8º grau...ele fez tal via. Mas o prazer não está naquilo, o prazer está em escalar, você fazer uma via, não importa a graduação dessa via. Você está ali encordado (estar protegido pelas cordas e cadeirinha e suspenso), você estar passando segurança para o teu parceiro. Eu inverti a situação, aquela coisa de frustração, eu eliminei aquilo. Se eu tivesse começado a escalar com 18 anos e tivesse chegado aos 40 e não tivesse conseguido escalar, aí, realmente...mas não, eu escalo a três anos, então eu tenho que ver, existe a questão das limitações físicas, até, de repente. Aquela coisa de buscar a adrenalina, então tá, uma via de 4º grau, então vamos fazer uma "Sai de baixo" que é quase 100m de via. Você fica exposto, ou uma "Enferrujados" no Marumbi, que você fica totalmente exposto e ali é uma via teoricamente fácil de fazer, então vamos partir para isto, simplesmente ter o prazer de estar escalando. Enfatizo essa questão do parceiro. Mais do que nas caminhadas, no *trekking*, aquele momento que você divide com os seus amigos, numa escalada, a palavra parceiro ganha um valor muito grande. Queira ou não queira, a vida do teu parceiro está nas tuas mãos, qualquer bobeira que você der ou que ele der, é a vida do parceiro que está em risco. Não sendo trágico, mas um descuido teu pode

ocasionar uma queda e aquela pessoa pode ficar parálitica ou se machucar gravemente, quebrar um braço, ou uma perna. Então, na escalada, essa palavra parceiro tem um valor muito maior. E é maravilhoso estar com o parceiro de escalada, principalmente você ter um parceiro de escalada, você conhecer um cara que ele não precisa nem ver onde você está fazendo a trilha, só o peso da corda e sabendo como você escala, que é o meu caso, o meu parceiro, você fica totalmente tranquilo. Eu tenho uma foto minha, eu estava escalando a "7º dia", tá até no site do clube, e o Ronaldo sentado de costas liberando corda para mim, me dando "segue" de baixo, para qualquer curso de escalada que você mostra aquela foto, isso não pode acontecer. Mas ele sabia que eu já havia feito aquela via muitas vezes, e pelo peso da corda ele ia liberando a corda sem o menor problema. Então a gente brinca muito em cima dessa foto, sobre a tranquilidade que é você confiar no parceiro...

C: você tem alguma contribuição para esse trabalho, algum comentário?

O: comentário eu tenho, primeiro, eu estou me sentindo bastante envaidecido em estar participando do teu trabalho. Eu bato muito nessa questão da mídia, eu comento muito com os meus amigos que há uma idéia errônea, a partir da idéia de nome, pô, tu não é alpinista você é montanhista, cara, você não é andinista, você é montanhista... ver você desenvolver um trabalho nesse sentido, colocar essa coisa do montanhista, colocar as pessoas que vivem isso para falar, sabe, dar voz a essas pessoas, é uma coisa muito bacana, é tudo o que a gente quer. A gente quer falar o que montanhismo, do prazer que isso gera. Claro, exige-se um pouco de condicionamento físico, você tem que ter uma condição física boa para isso, como qualquer outro esporte que você pratica, uns mais outros menos, mas enfim, há a necessidade disso. Mas não existem limitações. A gente falava agora a pouco da questão financeira, isso não é limitador. O que precisa é isso, é as pessoas lerem um trabalho teu relacionadas a isso mostrando pessoas apaixonadas pelo montanhismo e que fazem montanhismo, praticam esse esporte, mais até, esse estilo de vida que é o montanhismo de forma tranquila e prazerosa, e qualquer um pode ter acesso a isso. Então é isso. Sinto-me envaidecido e contente por você estar levando isso adiante.

As pessoas que forem ler o teu trabalho possam sentir essa emoção que eu passei aqui, de ser montanhista e ter a curiosidade de um dia estar participando.

- **3ª ENTREVISTA**

Entrevistada: Marisa

Entrevistadora: Camila Armas

Data: 04/10/2007

Início: 18:15

Duração da gravação: 41min48s

C: Defina para mim a função que tu desempenha no teu trabalho.

M: Todo funcionário mais antigo desempenha mais funções que os novos e do que deveria, realmente, pela profissão que exerce. Mas aqui na [empresa] eu tenho duas funções. Nós trabalhamos com locação de alto-padrão, eu cuido totalmente da parte de entrada, tanto de proprietários quando de inquilinos novos. Ou seja, eu que angario o imóvel, trago esse proprietário com o seu imóvel, faço os anúncios e tento sempre jogar algum novo inquilino para dentro desse imóvel. Fechou, fez o contrato? Vai para administração, não tenho mais contato. Então, eu sempre lido com pessoas novas, que estão chegando. E uma outra função que eu tenho, eu trabalho com venda de condomínios, terrenos e casas. Então pra mim, é um pouquinho confuso, às vezes, porque eu trabalho com duas coisas diferentes na mesma profissão. Então, às vezes me dedico mais a uma função, outras mais à outra, e assim eu vou tentando conciliar, mas eu tenho dupla jornada.

C: Descreve para mim como é a rotina do teu trabalho, quantas horas em média por semana tu trabalha, como é o ritmo de trabalho?

M: Bom, nós trabalhamos mais dias da semana do que normalmente os outros trabalhadores fazem. O trabalhador normal, a sexta-feira chega e ele esquece do trabalho e

volta na segunda. O corretor de imóveis, ele nunca desliga, jamais, ele vai para casa, a hora que ele começa a fazer o seu café, toca o celular...quem é? Cliente. Tem que atender. Aí toca o proprietário que durante o dia você degociou. Ele está com dúvida, então você tem que continuar respondendo. E assim vai. Eu tenho casos, de estar em casa, na cama, 10 e meia da noite tocar meu celular, alguém viu o jornal de Domingo, aí eu respondo: "Olha, eu não sei de cor, vou ter que te ligar amanhã" e a pessoa fala "Mas como você não sabe de cor? Você não quer me atender?". Então, o corretor ele nunca desliga. Porém, tem uma coisa legal. Por exemplo, eu posso, em plena quarta-feira, eu to com horário livre, não tenho ninguém marcado, meu trabalho está todo organizado, eu posso pegar a minha bolsa e fazer uma coisa particular. Por que? Porque eu vou trabalhar no sábado, eu vou trabalhar domingo. Então, a minha rotina mesmo é: eu entro 8:45, saio para o almoço, é o tempo de almoçar e voltar, nunca dou aquela chance de ficar na rua, olhando vitrine e tal. Volto, por que eu almoço mais cedo que os meus clientes, por que a hora que o meu cliente sai do trabalho, ele quer ir ver o apartamento. Se eu não almoço, eu não almoço mais. Então, eu almoço 11:30. Então, 12:15 já estou aqui de novo, porque 12:30 ele vai vir me buscar ou marcamos em algum lugar. Essa rotina até sexta-feira. Às 18h eu posso estar na rua ainda e acabar às 20h. No sábado, é o dia que eu reservo pra mim, não dá muito certo, porque normalmente, se o cara ou a senhora viu o apartamento e ele quer rever com o seu cônjuge, ela fala olha, meu marido trabalha o dia inteiro, eu só posso ver no sábado, eu sempre tento jogar para o Domingo, porque eu tenho plantão, se eu não consigo, eu não vou perder o cliente, eu vou no sábado. Mas sábado é o dia que eu tiro para a minha casa, para as minhas roupas, para as minhas coisas, para os meus amigos e o domingo, eu trabalho um sim, fixo aqui dentro e o outro só com o celular na rua, que é quando eu posso ir para a montanha e todo mais. Só que um deles eu tenho que estar aqui dentro, porque eu tenho dois plantões juntos: locação e vendas. C: **então tu acha que é vantajoso ter essa possibilidade de ter um dia de folga durante a semana para ti ou não?** M: bom, na verdade, o corretor, ele pensa, eu não vou ganhar nada ficando em casa, então a tendência do corretor de imóveis é trabalhar todos os dias. Ele não vai deixar de mostrar

um apartamento ou mesmo de angariar no fim de semana, por que se eu não trabalhar, eu não tenho salário no final do mês. Por que a minha profissão é 100% comissionada. O tempo todo eu estou comissionada. Se eu não ganhar nada, eu não vou receber nada mesmo. Eu não tenho nada fixo. Todo o meu dinheiro é vindo de negócios que eu realizei. Se eu ficar em casa, eu não vou realizar nada. Mas eu já trabalhei sete dias por semana, durante uns sete ou oito anos, nessa profissão. Agora eu me dou ao luxo de um domingo sim, outro não, fazer o que eu bem quiser, e nesse domingo que eu tenho livre, eu deixo o sábado livre também, então pelo menos eu tenho sábado e domingo para poder ir fazer as minhas coisas.

C: a terceira pergunta é se você está satisfeita com o seu trabalho. Analisando todos esses detalhes.

M: eu to! Eu gosto muito, porque é sempre um desafio, é sempre uma coisa assim, eu tenho que lutar. No meu trabalho, não pode ter marasmo, se eu tiver marasmo, eu não vou produzir nada. Então, o marasmo para mim é estagnação, então eu tenho que jogar isso para a minha vida inteira. Eu gosto muito do meu trabalho, por que eu acho, eu acho não, eu tenho certeza que eu ganho melhor que as outras pessoas que eu vejo que tem salário fixo, por que eu posso criar mais do que se eu tivesse um salário fixo, porque eu sou autônoma, 100% comissionada, eu moro sozinha, eu pago todas as minhas despesas de lazer, de casa, do meu trabalho, tudo, e eu ainda consigo guardar um pouco de dinheiro. Ou seja, eu sou feliz. Porque eu vejo que as pessoas não são assim na rua, né?! Porque elas estão sempre com algum problema, mas é óbvio, eu poupo o que eu poderia gastar.

C: na tua vida, quais seriam as atividades que pra ti são lazer?

M: bom, eu não me fixo só na montanha. Porque lá no clube, eu vejo que tem pessoas que não fazem mais nada além disso. Que são muito bitoladas. Eu gosto da montanha. Acho legal, muito legal, natureza, assim, é divertido, as pessoas são ótimas. Mas eu

também gosto de ir à praia, eu vou à praia, vou sempre aliás, não para cair na água, mas para estar lá, é gostoso, eu tenho um grupo de amigos que são motociclistas, eu também me divirto com eles. Eu procuro estar em outras tribos. Mas a minha principal, hoje, é a montanha. É lá que eu tenho ido mais, que eu to me satisfazendo completamente, lá é muito legal, a montanha é ótima e está bem divertido.

C: então, quantos dias no mês tu vêm dedicando para as tuas atividades de lazer?

M: bom, eu considero a reunião semanal do clube, lazer também, eu gosto de ir lá, a gente encontra as pessoas, bate um papo, combina o fim de semana, mas eu dedico dois a três finais de semana para lazer. Como eu já te disse, eu já deixei de fazer isso, eu só trabalhava, eu não fazia mais nada. Agora não, acho que já passou essa fase. Eu quero mais é me divertir.

C: o que te fez escolher o montanhismo como uma das tuas atividades de lazer?

M: bom, eu fui levada e induzida por uma amiga. Nós caminhávamos muito no parque e daí toda a quarta-feira ela tinha um compromisso que eu achava um saco, porque daí não podia ir para lugar nenhum, ah, por que? Porque tem a reunião do clube. Aí, no final do ano, ela me convidou para ir lá no encerramento das atividades, lá no refúgio 5.13 que haveria um jantar, um churrasco, aí, eu muito a contra-gosto... ah, só que ela queria ir por que havia um pessoal que precisava de um carro. Daí vamos? Vamos! Vamos! Vamos! Então tá, vamos no meu carro. Então eu fui induzida e à contra-gosto. Cheguei lá, gostei do pessoal. Só que não tinha mais atividade, era só em fevereiro, comecei a ir, comecei a encontrar pessoas muito legais. E eu sempre fui muito preocupada com atividade física. Eu sempre fui meio ambientalista, meio assim metida, eu sempre soube do que era certo e errado, por que eu cursei agronomia durante quatro anos. Nesses quatro anos que eu cursei agronomia, eles me deram uma visão muito legal de ecologia, de meio ambiente e tudo o mais. Até porque, lá na agronomia, você trata muito com inseticidas, você trata

muito da agricultura convencional que na verdade degrada bastante. Só que lá na faculdade, eu não era da turma dos bichos grilos, mas eu também não era da turma do convencional 100%, eu tentava sempre dar uma ponderada em tudo e ver alguma coisa. E eu sempre fui muito estudiosa, eu sempre estudei, eu sempre leio, leio matérias, vejo bons programas, eu procuro sempre me informar, eu to na rua, eu vejo, eu paro eu leio. Então, eu já tinha consciência ecológica. Antes de entrar para o clube. Então, comecei a ir, primeira montanha senti um pouquinho de dificuldade, mas eu comecei a ir, de fato, pela atividade física. Eu não fui levada por um sonho ambiental. Foi pela atividade física. E lá junto vem os resto do [...]. ah, vamos fazer manutenção? Ah, vamos! Bem, enfim, os amigos são ótimos principalmente. C: **é interessante isso o que tu disse, que a tua intenção de ir para a montanha não partiu de uma consciência ou da vontade de estar lá, mas da atividade física que teu teria lá...** M: Aí eu fui, fui para o anhangava, por que quando eu fazia faculdade, nós fazíamos algumas atividades, eu tinha ido para o Anhangava, eu tinha ido para o Marumbi, só que isso foi a 12 anos atrás. Aí então, quando eu fui para o Anhangava, eu me lembrava de uma coisa e quando cheguei lá era outra coisa. Eu não me lembrava de que eu tinha me cansado para subir e quando eu fazia faculdade eu me cansei, na primeira vez que eu fui. Aí eu já tinha essa consciência, mas foi isso mesmo, foi pela atividade física. Daí que despertou.

C: **só para deixar registrado, o que te fez sair do curso de agronomia na UFPR, para trabalhar como correção de imóveis [12''31']**

M: bom, foi mais ou menos assim, meus pais são do interior do Paraná, meu irmão, mais velho que eu veio para cá e o sonho que ele fizesse agronomia, só que ele fez medicina. E eu estava em casa ainda, e vi meu pai agricultor, tá, fiquei meio toçada, quando eu vim fazer o cursinho, acabei conhecendo uma pessoa, que hoje é meu ex-marido e que ele fazia agronomia. Eu estava no cursinho e ele fazendo agronomia. Eu convivia no meio dele, por causa do meu namorado. Então, acabou que eu fiz o vestibular e passei. E o meu ex-marido também vinha de família pecuarista e agricultura, então estava tudo presente

em mim, eu fui, fiz quatro anos, meu marido se formou um ano antes que eu, ele já estava na faculdade a dois anos. Ele foi para o interior para trabalhar e eu tive que ficar terminando. Ele teve uma crise depressiva lá, e eu tive que ir. Quando eu fui lá, eu comecei a me ligar no que ia ser a minha rotina. Sendo uma engenheira agrônoma mulher, não por isso, por que eu não tenho nenhum problema com guerra de sexos, nada disso, mas eu comecei a me ligar no campo de trabalho que eu ia ter, o que não me agradou. Quando eu voltei, daí ele melhorou e tudo o mais, daí nós voltamos, e eu voltei para a faculdade, fiz mais alguns meses e desisti...

C: entrando mais na parte de estar na montanha, na parte do teu lazer mesmo, enquanto tu pratica o montanhismo, ou então vai, por exemplo, para o PETAR, ou outro lugar, tu consegue te sentir pertencente àquele ambiente, Aquele lugar? Ou tu te sente afastada? E queria saber se tu tens alguma história que exemplifique essa sensação.

M: Bom, vou falar do PETAR, pois foi uma coisa muito legal, eu não conhecia, fui com pessoas que já conheciam e com um excelente guia. Quando eu estou num ambiente assim, eu sempre olho, por exemplo, lá no PETAR tem a comunidade. As pessoas nasceram e moram naquela vila, naquela pequena comunidade, que tem um nome que eu não me lembro, mas o PETAR é o nome do parque. São pessoas que moram na natureza mas que fazem tudo errado. Quando eu vejo isso, eu me sinto preocupada. Então eu acho que eu sou parte integrante, como por exemplo, lá na casa... nós ficamos num *camping*, onde as pessoas que trabalham ali, nasceram, procriaram e assim, os lixo estava jogado, um terreno imenso, nem um tipo de separação de lixo, lata, vidro, jogam nesse terreno grande. Isso é uma contradição. E eu me preocupo muito com as pessoas que moram nesses locais, por que eles não têm consciência ambiental, nós às vezes, temos mais, por que é falta de informação, pura e simplesmente. Ninguém ensinou para eles que você tem que pegar o lixo, colocar num saquinho e colocar lá. Mas também, eu nem sei se alguém vai lá buscar. Mas eu me sinto parte integrante, eu me sinto muito preocupada, eu sou muito preocupada com essas coisas. Todos os dias eu vou almoçar e eu atravesso o rio da

visconde de Nâcar, eu atravesso aquele rio, e eu sempre olho aquele cheiro insuportável e é nojento e eu falo, nossa e a culpa é nossa, né...a culpa é nossa que deixou fazer isso e que moramos na cidade, enfim, né... eu sou uma pessoa muito preocupada. Muito preocupada.

C: e como é que tu te sentes quando tu estás voltando para casa de uma atividade na montanha, qual é a sensação do retorno?

M: olha, no dia que eu retorno, é estado de felicidade, no dia seguinte é de desespero, vou ter que encarar de novo a cidade. E eu ando muito na cidade. Eu ando de carro muito, eu vou para o centro, eu vou para os bairros mais movimentados, eu enfrento o trânsito às 3 horas da tarde com o Sol lá em cima, aquele calor insuportável e eu com o vidro fechado, porque eu tenho medo da marginalidade que está aqui. Então, no dia seguinte para mim, é um caos, porque você está com aquela coisa na cabeça ainda, entendeu? De ter dormido na barraca, de ter passado frio, calor, ter dividido o teu lanche, com aquele visual todo ainda na cabeça, aí eu chego aqui no dia seguinte e encontro tudo isso, mas no dia que eu chego, eu nunca desarrumo a minha mochila, porque eu sou muito desorganizada, eu vou arrumar quase uma semana depois, só tiro as comidas. Mas assim, toda vez que eu abro a minha porta, que eu vejo ainda a mochila encostada, eu falo, olha que delícia, eu fui mesmo, é muito bom, nossa, o tempo lá passa muito rápido. Quando você vê já está na hora de vir embora, nossa já foi. Mas quanto mais cansada eu volto, mais feliz eu estou, quer dizer, você sempre procura mais desafio... **C: e essa sensação de desafio? Está vinculada a que, ao simples fato de estar lá? Tu procura uma aventura lá ou o simples fato de ir é uma aventura?** M: é uma aventura. Desde a noite anterior, que eu to preparando o meu lanche, a minha mochila, eu estou me sentindo lá. No dia seguinte, acordar, tomar banho, me arrumar colocar a bota, eu já me sinto, eu já estou em clima de montanha, no dia anterior eu já to clima da montanha.

C: teu trabalho, Marisa, tem algo a ver com as tuas práticas de lazer? Qualquer relação que seja possível estabelecer...

M: olha, então... como eu sou uma pessoa muito falante, eu converso muito com os meus clientes. Então, quando estamos esperando uma chave, ou quando alguém se atrasou, então alguém sempre me pergunta, essa pergunta é inevitável, você faz academia, você faz isso, você faz aquilo? Aí eu falo, "não...". só que eu faço academia, só que eu não falo muito. Eu falo que eu sou montanhista. Quando você fala "sou montanhista", as pessoas... "Sééerioo?" eles te olham assim parece uma coisa de outro mundo, né? Eu normalmente trabalho de salto. Daí falam, "nossa, eu não consigo imaginar você"? Claro, né, eu não vou com essa roupa, eu mudo a roupa, né? Então, o que eu percebo... bem, é que eu trabalho muito com venda de casas, o que eu percebo assim é que eu sempre procuro falar de meio ambiente. Por exemplo, eu to com o meu cliente, eu sempre falo, "ah, nossa, esse negócio de saco plástico, né...", por que eu me preocupo. Se eu falar para alguém, alguém vai se preocupar. Quando eu to no mercado, quando estou embalando as minhas compras, "eu falo não, "Não, me dá pouca sacola, enfia tudo aí", daí com o cara do lado esperando, eu já falo, "eu não preciso levar 10 sacolas, três tá bom. Vou fazer o que com tanta sacola?! Vou poluir, vou jogar fora de novo"... eu sempre procuro, não só no meu trabalho, mas nas minhas outras relações, no meu cotidiano, eu sempre procuro falar sobre isso. Por exemplo, quando eu vou vender uma casa, que eu sei que quem construiu fez uma cisterna para captar água da chuva, que fez lá a composteira para decompor o próprio adubo, que fez uma horta, eu sempre procuro exaltar isso. Eu falo, olha, aqui o cara fez a coisa do teto solar, então você vai consumir menos gás, menos energia, você vai morar numa casa mais ecológica. Quando eu encontro uma casa assim, eu sempre enalteço essas qualidades, a luz solar, a captação de água da chuva,... e quando não tem nada, eu vou falar o que, né...mas uma coisa legal, é que agora, e ninguém quase sabe, é que tem uma lei para os próximos meses é que todas as casas que serão construídas, obrigatoriamente, parte integrante do projeto para aprovação, tem que ter cisternas para captação da água das chuvas, para os vasos sanitários, para lavar calçada, lavar o carro, fazer

limpeza de casa e tudo o mais. Então, quando eu vejo alguém construindo uma casa, que vai vender, eu já falo, olha, faça uma cisterna, faça isso, faça aquilo. Que hoje em dia a gente vende muito terreno e terreno com vegetação. 50% ou mais dos terrenos que a gente vende tem vegetação, ou araucária... e aí, né? Em primeiro lugar, se você tem um terreno com araucária, você sabe que são "imexíveis". Então, você já tem que ir trabalhando o teu cliente... "olha, lá tem duas araucárias lindas, maravilhosas, olha, o meu sonho é ter uma araucária"... só que o sonho do cara, não é ter uma araucária. Sim, porque a araucária, é linda maravilhosa, mas uma, no teu quintal, ela suja bastante, então a pessoa fala "tem araucária? Tem? Então, não quero". Então eu já falo, olha, tem duas lindas araucárias... então, quando eu vou vender um terreno com bastante mata, procura preservar, porque se não, se você fizer calçada em tudo, a sua água vai inundar a cidade inteira, porque é o que acontece. Toda casa tem que ter o mínimo de área de infiltração, e não tem, as pessoas tem calçada em tudo, e pra onde vai a água? Vai para rua, vai alagar as ruas, vai inundar os rios, os esgotos e tudo mais... então, eu procuro fazer a minha parte. Toda vez que eu falo que eu sou montanhista, as pessoas ficam curiosas, e quando eu falo que eu sou montanhista eu sempre falo de ecologia também. Principalmente, para essas pessoas. Ou assim quando eu vou mostrar um apartamento e tem uma vista, eu logo falo, olha que mata linda, olha que pinheiro! Eu sempre incentivo.

C: então, a última pergunta é: de que forma tu leva para o teu cotidiano ou para o teu trabalho, aquilo que tu vivencia no lazer, ou a resposta anterior você acha que cabe aqui...

M: então, eu acho que cabe. Porque, na verdade, se alguém me pergunta, eu sempre falo que eu vou para a montanha. E se a pessoa fica admirada, ela vai perguntar, como é, o que é, aí eu sempre vou passando as minhas experiências. Mas uma coisa muito legal na montanha, é que você tem a relação com a natureza e as relações humanas. Você houve muitas histórias de outras pessoas na montanha, você tem tempo livre para conversar. Chegou, vai pernoitar, fez a barraca? Você vai ficar conversando, batendo papo, dando risada, contando história, isso é experiência de vida, você tira a tua experiência de vida de

coisas que você ouviu e que de coisas que você vivenciou. Então, na montanha, tem as duas coisas. A natureza e as relações humanas. E assim, eu sempre incentivo as pessoas a irem. Eu sei, que nem todo montanhista gosta disso, que quanto mais gente, maior a degradação, mas eu acho que se eu incentivar alguém e se ela for comigo, eu vou passar a mesma consciência que eu tenho. Esses dias, eu estava atravessando a rua e nós temos três vendedores de frutas aqui na nossa esquina, e eles guardam as frutas aqui atrás, porque se a polícia passa, leva tudo. Então nós chamamos eles pelo nome, os caras são trabalhadores, são informais, e um deles, um dia eu estava passando, daí um dos rapazes me disse, "ah, Dulce, é verdade que você sempre vai para a montanha?" aí eu disse, "é, como é que você sabe?". Um dos nossos corretores contou para eles, conversando e falou alguma coisa pra ele. E ela me contou que também já foi para o pico Paraná, (a única montanha que ele conhece). Eu perguntei o que ele achou, daí ele me disse que era demais, que o tênis rasgou e que ele fez um "viva" com o tênis dele. Ele jogou o tênis lá embaixo. Perguntei sobre os restos das coisas que eles levaram. Eles me disseram que vieram largando pela trilha. Então eu disse a ele que era errado, que se um diz ele fosse de novo, ele tinha que trazer o lixo de novo e tal. Então, ele é uma pessoa nova, não vivenciam nada da ecologia, eu fiquei cinco minutos ali na esquina, conversando com ele. Sempre é assim, uma pessoa nova, com jeitinho, você consegue falar, ela te entende, não se magoa, e você acabou de ensinar uma coisa nova e aprender também sempre. Por que eu aprendi muita coisa com o grupo de montanha. Muita coisa, muita coisa como reciclar. A cada acampamento que eu vou, que é pernoite, eu sempre observo de alguém uma idéia nova.

C: então, Marisa, um dos objetivos do meu trabalho é tentar entender essa vontade de ir para o ambiente de montanha, só que chegar lá e não saber como lidar com aquele ambiente e acaba fazendo como o cara que jogou o tênis. Seria entender como se dá esse distanciamento... e isso que tu falou, dos montanhistas não gostarem de que chamem as pessoas para a montanha, tende a mudar...

M: Sim, sim, tende a mudar. E eu acho que o clube é um espelho do que está acontecendo. Muita coisa está mudando lá. Tem pessoas novas, tem pessoas antigas. Mas é aquela história, você quer ir? Então tem que fazer o curso de iniciação. Porque é no curso que você vai ter noções básicas, mínimas, e depois do acampamento, vêm as primeiras atividades e outras, que você vai aprendendo. Não dá pra levar a pessoa e largar ela. Eu sempre tenho o hábito do mel, você sabe disso. Eu sempre levo aqueles sachês de mel. E eu sempre dou, mas é aquela história, eu sempre olho, porque é uma embalagem tão pequenininha que ela cai da gente e a gente nem vê. E você dá e cuida, pois a responsabilidade também é minha. No nosso grupo, é tranquilo, todo mundo ali tem consciência ambiental. Eu acho que a gente tem que atacar sempre coisas novas. Por exemplo, neste ano, foi pra mim a melhor atividade quando a gente foi levar aqueles meninos do Lar. Eles nunca tinham ido. Não sabiam o que era isso e a gente levou com instruções, você não pode deixar o lixo, não pode fazer isso, aquilo, etc. Foram oito ou 10 crianças que foram, mas foram essas que aprenderam alguma coisa muito legal da natureza e eles vão ensinar para alguém. Eu acho que o montanhista hoje ele tem que também preparar a geração futura e não fechar os olhos. E agora vai ter mais atividades, o Aranha vai levar um novo grupo. Acho que todo semestre deveria ter. Quando eu vi a do Aranha, ô, ele gostou e vai guiar o grupo. E lá na minha casa, meus pais moram no interior e eu moro fora de casa há 21 anos. Nunca tinha ido ao banco na minha vida. Saí adolescente (...) *daqui até o fim ela fala de fatos da sua família, não necessários.*

- **4ª ENTREVISTA**

Entrevistado: Fernando

Entrevistadora: Camila Armas

Data: 16/10/2007

Início: 21:10

Duração da gravação: 32min46s

C: Defina para mim a função que tu desempenha no teu trabalho.

F: eu trabalho com manutenção de andaimes, faço a manutenção para locação de andaimes e também a conferência dos mesmos para fazer a remeça e devolução de andaimes.

C: tu é assalariado, carteira assinada, como é esse trâmite entre tu e a empresa?

F: eu sou assalariado, carteira assinada, tudo direitinho, salário mensal.

C: descreve para mim, como é a rotina do trabalho que tu desempenha. Quantas horas por semana tu tá trabalhando em média? Como é o ritmo do teu trabalho? Quem estabelece teus horários?

F: no caso a minha rotina é direto, não paro. A gente fica fazendo direto a manutenção de andaimes e quando chegam cargas, a gente faz a carga e descargas de andaimes nos caminhões, no caso da conferência. E a carga horária semanal, se eu não me engano, é 48H, já para compensar o sábado que a gente não trabalha. Quem estabelece o horário no caso, é a empresa, obviamente, segundo as normas da CLT.

C: tu faz hora extra?

F: sim. Não tem horário fixo. Mas geralmente, como eu tenho o cargo de fechar o depósito, eu tenho, mensalmente, duas horas de hora extra, por que eu tenho que esperar todo mundo sair para daí fechar o barracão. **C: e vai de que horas a que horas teu trabalho?**

A: o horário vai das 8:13 ao 12H e das 13H às 18H.

C: e você está satisfeito com o teu trabalho? E se você pudesse mudar alguma coisa no teu trabalho, o que faria?

F: satisfeito... sim, estou, estou satisfeito, bastante até. Além do esperado. E o que eu mudaria? Na verdade é mais a parte estrutural, mesmo, que tem que mexer lá. Na parte de funcionário, não tem muito a mexer que está... tá bem legal, assim, por enquanto.

C: na tua vida, agora entrando mais na área do lazer, na tua vida, quais seriam as atividades que pra você são lazer?

F: as atividades que são lazer... na verdade aí, entra num contratempo, depende do que a gente gosta de fazer. Eu, por exemplo, tenho como lazer, como *hobbie*, a mecânica. Então, às vezes as pessoas acham que eu to trabalhando num carro e, na verdade, eu to me divertindo. Tenho como lazer também o ciclismo, apesar de estar um pouquinho abandonado. E o maior prazer meu é estar na montanha. Isso aí eu já nem considero um lazer, eu considero uma paixão já, né...

C: quantos dias no mês você vêm dedicando para as atividades de lazer?

F: para o montanhismo eu venho dedicando todos os finais de semana, de dez em dez dias.

C: e o que te fez escolher o montanhismo como atividade de lazer? Depois da resposta, conta uma história que pra ti foi significativa nesse teu lazer.

F: ah, eu acho que isso aí é *karma* mesmo. Porque desde pequeno eu sempre gostei de mato, sempre gostei de ir para chácara, de conhecer mato, a natureza, conhecer bicho, ver bicho, apesar de que a gente não vê muito, hoje em dia. Mas sempre gostei de andar no meio do mato, sempre tive essa fantasia de aventura. De se aventurar no meio do mato, desbravar montanhas, coisas assim, então isso aí vem desde pequenininho, desde criança. E na verdade, começou mesmo, depois que uns colegas meus me chamaram para ir para a montanha. Aí a gente fez lá uma caminhadinha nada agradável, mas muito gostosa, fui fazer o Itupava, essa caminhada do Itupava que todo mundo, pelo menos uma vez já estourou as pernas lá. Então acabei me apaixonando e até o hoje, já faz dez, onze anos [que ele faz caminhadas].

C: quando você está na montanha, você se sente parte integrante daquele meio, da natureza? De que forma tu sente isso? Como é a sensação de estar lá?

F: na verdade isso aí já entra em outro... porque, fazer parte da montanha, mesmo, a gente não faz, porque a gente não vive lá, a gente não depende daquela região, no caso, a gente não vive daquela região. A gente mora na cidade. Na verdade, a gente vai lá pra tentar fugir, o que a gente costuma fazer, eu no caso, é tentar fugir do cotidiano, do dia-a-dia da cidade, a selva de pedra. E a gente vai para a selva de vegetações. E como eu me sinto lá... em parte, eu me sinto integrado, mas e parte eu estou isolado também, porque, como eu já disse antes, a gente vai para fugir do cotidiano, do dia-a-dia, por que a gente passa a maior parte do tempo trabalhando, vive cercado de regras e coisas mais, e a gente vai lá pra tentar fugir um pouquinho disso. Além de tudo, a gente fica limitado aos horários e pra quem anda de ônibus, depende muito de horário porque tem que pegar o ônibus de volta se não, fica por lá mesmo. E a sensação que a gente tem lá é de alívio, de liberdade. O simples fato de você estar em um lugar que não tem nada, nem bicho pra procurar, você se

desliga totalmente de todos aqueles problemas que você tem durante a semana, no cotidiano do dia-a-dia. Você realmente começa a.. é até engraçado. A gente costuma a chamar de mal da montanha, o cara pega uma florzinha e fala "óóólha que lindinha", o cara chega a perder umas três horas só observando aquela florzinha, detalhezinhas. O fato de você ir para um lugar diferente, você se desliga totalmente da cidade e essa é a parte boa de estar lá [na montanha].

C: em uma das tuas respostas anteriores, você falou em aventura. O que é aventura nas caminhadas?

F: Aventura... bom, como eu já falei, né... é aquela sensação de "desbravamento", é a sensação de descoberta que você tem ao meio. Como tem muitos lugares que eu já fui, já não me interessa tanto em voltar lá, justamente pelo fato de eu já conhecer, às vezes um caminho, as plantas que tem no meio do caminho. E a gente tem a necessidade de novas descobertas, novos caminhos, lugares diferentes. Então é essa a sensação de aventura que a gente tem, de descobrir, de conhecimento, na verdade, essa é a grande aventura, o conhecimento.

C: e como é a aventura na escalada?

F: na escalada... é a sensação de você conquistar algo que você acha impossível no começo. Antes de eu começar a escalar, eu achava quase impossível o cara trepar numa parede, que nem uma lagartixa. Não sei como uma lagartixa consegue trepar numa parede, imagina o cara. Eu ficava olhando o cara subindo uma rocha, ficava pensando como é que o cara subia, né... até que um dia eu ingressei no mesmo caminho e acabei gostando. A sensação na verdade é um pouquinho da adrenalina, é aquela sensação de que você pode cair a qualquer instante, é a adrenalina que te sobe. E a sensação assim, quando você chega ao ponto culminante da escalada, e vê que você passou por todos aqueles problemas, né... é quase o mesmo que relacionar com o cotidiano, com o dia-a-dia, com o trabalho

inclusive, de você conseguir concluir um serviço, de você conseguir concluir uma meta, essa é a sensação maior que se tem.

C: você teria alguma história que pra ti foi marcante?

F: pode ser lá da minha primeira vez? Essa foi a mais marcante, na verdade, foi o meu ingresso realmente ao montanhismo. Foi uma aventura assim, dolorida, árdua, mas foi a mais marcante que eu tive de todas. Tinha mais três colegas, um de infância, um de colégio e outro da época de ciclismo. **C: e quando você entrou no clube?** F: Eu entrei no clube em 1999, 2000, por aí. **C: e as amizades no clube, como é?** F: Na verdade, eu entrei no clube, porque um colega meu tinha um irmão que era montanhista e acabei entrando, conhecendo o clube através dele. E como eu já tinha feito o caminho do Itupava uma vez, comentou que tinha bastante gente que fazia montanhismo, que eu resolvi um dia visitar. O pessoal foi bem atencioso, a galera se dispôs. Apesar de eu ser um pouco tímido, a galera tentou me receber, me ingressar [sentido de iniciar] e eu fui procurar o pessoal. E as amizades que eu tenho hoje, são daquela época já. Então passou de um coleguismo de clube para amizades de dia-a-dia também.

C: como você se sente quando está voltando para casa depois de uma caminhada na montanha? Como é aquela sensação de retorno?

F: a sensação de retorno é a pior que tem. É uma sensação de desolação, de tristeza, de algo pendente, de alguma coisa que você deixou para trás. É uma coisa não resolvida. Por isso que às vezes o pessoal pergunta, "mas o que você tem que tá emburrado, bravo, tá chateado", é justamente porque eu volto bem revoltado, que a vontade era de ficar.

C: mas você disse que está satisfeito com o teu trabalho, mas, se é a pior sensação que há, retornar para o cotidiano, como você pode estar satisfeito com o trabalho? O que no cotidiano te faz ficar bem, se tu quando vai para a montanha, não quer voltar?

F: é a ligação que você tem, na verdade, que é a vontade que você tem de ficar no meio do mato, só que como você já está acostumado ao ambiente da sociedade, a viver numa sociedade entre aspas, você se desliga totalmente da natureza. Tem muita gente que você vê vivendo no meio do mato, índio, por exemplo, você pergunta, como eles sobrevivem no meio do mato, sem trabalhar, sem ganhar dinheiro, sem isso nem aquilo. Nós vivemos numa sociedade capitalista, então, infelizmente para voltar para o meio do mato, vai ser mais complicado e outra que não tem tanta reserva natural assim, então seria até um desastre ecológico. Então é como eu disse, a gente volta com aquela sensação de poder ficar, mas a gente depende do nosso trabalho, nós dependemos do luxo, da comodidade. Então ao mesmo tempo, que a gente está feliz durante a semana, a gente fica feliz no final de semana pra gente poder ir e voltar à aquele ambiente natural.

C: seu trabalho tem algo a ver com as tuas práticas de lazer? Qualquer tipo de relação que seja possível estabelecer.

F: não, não tem. Com exceção dos próprios andaimes que propiciam umas vias de escalada artificiais, que o pessoal monta. Mas no trabalho em si, não.

C: de alguma forma você leva o que vivencia no teu lazer para o teu cotidiano de trabalho? De que forma? Qualquer tipo de coisa que tu leva do teu lazer para o trabalho, cotidiano...

F: bom, o que a gente leva bastante assim... como no meu trabalho a gente mexe bastante com materiais químicos e outros equipamentos que possam poluir o ambiente, o que a gente procura levar para o trabalho é justamente levar aquilo que a gente aprende no meio do mato, que a gente não deve poluir o meio ambiente. Isso já contribuindo, evitando

contaminar o próprio solo. Além de sermos uma civilização já toda povoada, toda pavimentada, vamos dizer assim, ela ainda acaba ocasionando danos ao meio ambiente via intra-solo.

C: o montanhismo é uma prática acessível para todo mundo, para quem quer e tem vontade de ir para a montanha? Ou tu acha que não...

F: eu acho que o montanhismo é acessível a todo mundo, desde que a pessoa esteja interessada. É como eu sempre falo, às vezes a gente está dando curso de iniciação ao montanhismo, tem um pessoal que entrou como voluntário e eu sou um voluntário, e o pessoal já me perguntou duas vezes, "ah, mas eu sou gordo demais", bom, eu acho que é acessível até para um cego, para um aleijado. É acessível. Desde que a pessoa tenha força de vontade, desde que ela queira. Não adianta ir lá só por curiosidade, porque vai acabar sofrendo. A gente diz que é um esporte de lazer, é gostoso, é prazeroso, mas tem o lado ruim também. Da mesma forma que a gente está andando no meio da montanha, a gente está andando no meio do mato. A gente chega a levar horas caminhando, então é sofrido e prazeroso ao mesmo tempo, então a pessoa tem que querer, se não quiser, é melhor nem ir, por que é uma prática acessível a todos, mas tem que haver o interesse da pessoa.

C: então impedimento financeiro não é determinante para fazer ou não montanhismo? F: Não é também. Eu nunca tive condições mesmo de sustentar o meu montanhismo, mas nunca deixei de praticá-lo. Hoje em dia tem muito comércio em cima. Antigamente a gente ia com um tênis, com um chinelo ou coisa assim, claro, vai acabar se machucando. Mas a gente ia naquela correria a gente sai daquele cotidiano da vida, da cidade, que já é uma correria, e vai querer sair e ingressar no montanhismo. É óbvio que a pessoa sem noção vai acabar se machucando, mas eu acho que é possível, sim. A pessoa pode ir com uma roupa que ela usa para andar num parque e pode ir pro meio do mato com ela também, não tem problema. E é como eu falei, se a pessoa tem interesse, ela pode ir, é como qualquer outro tipo de esporte. Vamos citar um esporte mais barato... O próprio ciclismo, a pessoa compra lá uma bicicletinha pra dar uma volta no parque, beleza, mas se

um dia ela quiser ir fazer ciclo turismo, ela vai ter um gasto a mais, justamente para ela se adequar às condições do esporte, no nível de segurança. E o montanhismo é a mesma coisa. Ele pode ser um esporte um pouquinho mais caro, só que em termos de custo benefício, é maior, porque o equipamento que você compra é feito de uma material mais durável, não tem tanto gasto; o gasto maior é só no começo, no início, quando você compra os equipamentos.

C: pode parecer meio óbvia, mas o teu período de trabalho é muito diferente do período que tu vives na montanha, em termos de convívio, de sensações... qual é a diferença desses dois momentos? Aquilo que tu vives no trabalho, é completamente diferente daquilo que tu vives na montanha?

F: então, é bem diferente, né... porque no trabalho, como eu já falei, a gente vive num mundo capitalista, então sempre gera aquela competição, uma inveja, um pouquinho de individualismo. Eu por mim mesmo, eu coloco eu mesmo como exemplo, eu procuro trabalhar isoladamente, justamente para evitar esse tipo de intriga, o pessoal tá com inveja disso ou daquilo, justamente para não ficar juntando picuinha, por que tem muito disso, infelizmente. A pessoa tem inveja ou não está contente daí procura atrasar a gente, atrapalhar o trabalho. E no ambiente de montanha, é totalmente contrário, porque tem muita gente aí que nem se conhece no meio do mato e se ajuda, tem um companheirismo, justamente pelo fato de a gente estar em um ambiente inóspito. Então as pessoas procuram se ajudar, no ambiente de montanha, ao contrário do trabalho que às vezes que você vacilar, a pessoa tá lá pisando no teu calo. Salvo algumas exceções, também, né... **C:** tá, mas então no lazer não tem individualismo ou tem? **F:** o montanhismo não gera tanto individualismo, porque o pessoal que vai pro mato já tem aquela consciência do companheirismo. É muito difícil você passar necessidade e não ter atenção de alguém, às vezes até um estranho que vê você passando um apuro, ela está disposta a te ajudar. No que for possível ela te ajuda. Essa é a parte legal do montanhismo. **C:** e na escalada, como é? Existe um pouco disso, ou não? **F:** na escalada é necessário o companheirismo. Se é o

teu próprio parceiro de escalada, por que você não consegue escalar sozinho, na escalada técnica, vamos dizer assim, você não tem grandes êxitos, inclusive pode até acontecer uma tragédia (a escalada solo o fator de risco já é bem maior). Na escalada técnica, vamos dizer assim, é até maior o companheirismo. Até teve uma vez de eu estar escalando, então chegou um cara do meu lado e disse "ô, não é assim, assim, assado, o teu nó não é o melhor, melhor é você passar um outro assim". Às vezes uma cara mais experiente que já conhece a via [de escalada] te passa umas dicas, justamente para evitar algum dano maior, mesmo porque, a pessoa que está ali vendo que você está fazendo uma coisa errada, também é responsável. Porque ela sabe que você tá fazendo errado, pode te orientar e não te orienta. Às vezes pode ser nem tanto pelo companheirismo, pode ser por um problema maior.

C: Agora a última de verdade, Fernando me fala um pouco dos teus aprendizados na montanha.

F: a primeira coisa que eu aprendi na montanha, eu tenho até vergonha de falar, é que eu jogava muito papelzinho de bala do chão, lixo não, mas papelzinho de bala, *chicletes*. A primeira coisa que eu aprendi foi procurar um lixo ou guardar no bolso o papel, porque o bolso não contamina, não vai sujar. Isso foi uma grande coisa que me ajudou. Outra é que está me dando um pouquinho mais de coragem de xingar aqueles que continuam jogando papelzinho de bala no chão, ponta de cigarro joga para fora da janela do carro (até já tive experiência de ver um cara que jogou a cepa de cigarro ainda acesa e caiu dentro do carro do outro, pegando fogo no banco, o que não é nada agradável). Aprendi a parte do companheirismo, que eu era...ainda sou um pouco individualista, sou um pouquinho só, justamente por ser um pouquinho orgulhoso de pedir ajuda, às vezes por timidez, não é nem por orgulho. Às vezes pelo fato de você querer se superar, então às vezes eu não tinha a coragem de chegar e pedir ajuda. Hoje em dia eu já peço um pouco mais de ajuda. Auxiliar, ajudar também; o fato de ser individualista, não é só ter orgulho para pedir ajuda e sim de também ajudar, auxiliar. Aprendi também a ter muita paciência, o que auxiliou

bastante, às vezes era muito nervoso, daí volta da montanha bem mais calmo, acho que pelo cansaço. A gente tolera muito mais coisa, engole muito sapo, e isso também ajudou bastante. Ajuda também a ser um pouquinho mais independente, numa montanha você também aprende a cozinhar, aprende a fazer umas gororobas, nada visualmente agradável, mas no sabor é muito bom. A gente aprende a dar valor ao próprio corpo, antigamente eu não dava valor ao meu corpo, hoje em dia eu valorizo o meu corpo, o próprio corpo. Os valores assim, sentimentais, com relação ao próximo, com o fato de ter o companheirismo, a gente aprende a dar muito valor à amizade, ao companheirismo da pessoa. No ambiente da montanha não existe machista, não existe feminista, não existe qualquer tipo de preconceito, não existe branco, negro, baixo, alto, gordo, magro, não existe nada, o que existe. No ambiente de montanha o que tem de existir, é o companheirismo. Às vezes lá, você tá passando necessidade, teu companheiro tá passando frio, ou companheira, geralmente vão em dupla, em pares masculinos; no feminino nem tanto, já no masculino, gera um certo preconceito, uma coisa que eu tento quebrar entre o pessoal é o preconceito, às vezes teu companheiro tá do lado de você, tá passando o maior frio e você tem condições de aquecê-lo e por machismo, não abraça o cara, por machismo não tenta acolher ele debaixo da tua coberta. E isso acaba ocasionando às vezes até uma intriga entre os dois, porque o cara passou frio e às vezes pode até passar mal por causa disso e isso acabar com o final de semana, e você vai acabar ficando irritado com esse teu colega, justamente por que você não o acolheu, porque você não o abrigou. E isso é muito legal da parte que eu aprendi no montanhismo. E outras coisas mais que eu aprendi que a gente não lembra. Mas o valor principal é a parte da amizade, o companheirismo, deixar de ser individualista, deixar a parte de orgulho de lado para acolher um próximo. E isso é muito legal.

ANEXO 1

Organograma 1: Modalidades do Montanhismo

